

## TEXTO PARA DISCUSSÃO


002/2012

Comércio Externo de Santa Catarina<sup>1</sup>.

Felipe Anderson França  
João Paulo Reco De Oliveira  
Lukas Reiter Pezzini  
Marcos Ademir Dos Santos  
Thaiane Pinheiro Cabral

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à disciplina de Economia Catarinense, do curso de graduação em Ciências Econômicas da UFSC, lecionada pelo Prof. Lauro Mattei, no segundo semestre de 2012.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

FELIPE ANDERSON FRANÇA  
JOÃO PAULO RECO DE OLIVEIRA  
LUKAS REITER PEZZINI  
MARCOS ADEMIR DOS SANTOS  
THAIANE PINHEIRO CABRAL

**COMÉRCIO EXTERNO DE SANTA CATARINA**

**FLORIANÓPOLIS, SC**

**2012**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>1 Processo Histórico.....</b>	<b>6</b>
<b>1.1 Abertura e Reestruturação Econômica .....</b>	<b>6</b>
<b>1.2 Relações de comércio entre o bloco econômico MERCOSUL e o estado de Santa Catarina .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Mudança do regime cambial brasileiro de 1999 e impactos no comércio internacional catarinense .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 O Impacto da crise financeira de 2008 no comércio externo de Santa Catarina .....</b>	<b>15</b>
<b>2 Conjuntura atual do comércio externo de Santa Catarina .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Principais produtos exportados e importados por Santa Catarina .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Principais empresas para o comércio externo de Santa Catarina.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Comércio internacional catarinense por regiões.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3.1 Mesorregião Oeste.....</b>	<b>29</b>
<b>2.3.2 Mesorregião Norte.....</b>	<b>31</b>
<b>2.3.3 Mesorregião Serrana.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3.4 Mesorregião Vale do Itajaí.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3.5 Mesorregião Grande Florianópolis.....</b>	<b>35</b>
<b>2.3.6 Mesorregião Sul.....</b>	<b>36</b>
<b>2.4 Principais países parceiros comerciais de Santa Catarina.....</b>	<b>37</b>
<b>2.5 Infraestrutura, logística e vias de transporte de Santa Catarina .....</b>	<b>39</b>
<b>2.5.1 Infraestrutura e Logística.....</b>	<b>39</b>
<b>2.5.2 Principais Vias .....</b>	<b>41</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

O comércio exterior, independente do país, assume importância crucial para governos e sociedades. O esforço internacional que tem sido realizado para diminuir barreiras comerciais, e aumentar a integração entre os países, aumenta a concorrência entre as empresas, e tende a aumentar a produtividade, as inovações, e diminuir os preços. Além disso, ao produzir para vender no exterior, as empresas alcançam níveis de produção que não alcançariam se estivessem visando apenas o mercado interno. Isso aumenta a renda e a geração de empregos, beneficiando o país exportador. Por outro lado, com o comércio exterior, o Brasil, e também Santa Catarina, tem acesso a produtos que não conseguiriam produzir, ou que a produção não seja suficiente para atender à demanda interna.

No caso do Brasil, o comércio exterior possui alguns fatos marcantes:

- Reestruturação produtiva e abertura comercial em 1990, dando novas diretrizes às empresas exportadoras e importadoras, aumentando o comércio internacional do país;
- Criação do Mercosul, estreitando as relações comerciais entre o Brasil e os países do bloco, principalmente Argentina;
- Mudanças no regime cambial, que a partir do Plano Real era o regime de bandas cambiais e o Real era mantido fortemente valorizado pelo governo, e a partir de 1999 se tornou flutuante livre, o que resultou em grande desvalorização da moeda brasileira, potencializando os ganhos das empresas brasileiras e catarinenses com exportações, e por fim;
- Crise financeira de 2008, impactando tanto nos níveis de produção mundial, quanto nas taxas de câmbio, que no caso do Brasil, desfavoreceu as exportações e fortaleceu o crescimento das importações.

Em Santa Catarina, especificamente, o comércio exterior é de grande importância, tanto pela participação do setor industrial e exportador, no produto interno de Santa Catarina, quanto para cidades em que uma única empresa domina a economia municipal, e esta empresa ainda é uma grande exportadora.

Logicamente a importância do comércio exterior, assim como varia de Santa Catarina para outros estados brasileiros, também varia de acordo com as cidades, micro e mesorregiões do estado. Como será visto várias cidades sequer apresentam

exportações ou importações, enquanto que para outras cidades o comércio exterior responde por vasta parte da produção delas.

Os produtos exportados pelas diferentes mesorregiões do estado também variam, sempre de acordo com as principais atividades econômicas, a exemplo do polo Metal Mecânico no Norte e da Agroindústria no Oeste.

Ainda é de relevância para o comércio exterior a questão logística, onde as principais vias e portos interferem nos custos finais dos produtos brasileiros e estrangeiros, quanto também no tempo de transporte. Característica predominante no Brasil, e de mesma maneira em Santa Catarina, tem-se logística ineficiente. As principais carências serão abordadas neste trabalho.

O presente trabalho está organizado na seguinte maneira:

Na seção 1 é feita uma breve análise histórica do comércio exterior catarinense, sendo abordadas a abertura comercial e reestruturação econômica no início da década de 1990, a criação do Mercosul em 1995, as recentes mudanças no regime cambial brasileiro e por fim, os impactos da crise financeira de 2008 sobre o comércio exterior do estado.

Na seção 2, depois de feito um breve histórico, é analisada a conjuntura atual do comércio exterior catarinense, sendo discriminados os principais produtos exportados, as principais empresas exportadoras, o comércio exterior por mesorregiões, os principais parceiros comerciais, e por fim a questão logística e de infraestrutura no estado. Ao final, serão apresentadas as considerações finais, assim como algumas tendências para o comércio exterior catarinense.

## **1 Processo Histórico**

### **1.1 Abertura e Reestruturação Econômica**

Desde a década de 1970 o cenário macroeconômico mundial encontrava-se instável, instabilidade esta, acentuada por dois choques do petróleo (1973 e 1979) e pelo choque dos juros norte americano. Esse processo teve um impacto marcante no Brasil, houve uma grande transferência de recursos para o exterior sobre a forma de juros, além disso, ocorreu uma maior concentração de renda, com mais famílias vivendo abaixo da linha da pobreza, resultando também em uma baixa taxa de crescimento do PIB.

Em 1989 viera a ocorrer no país eleições presidenciais. Esse movimento gerou na sociedade brasileira um sentimento de “recomeço”, mesmo com o fim da ditadura e com o retorno ao regime democrático, o país não conseguiu alcançar um nível de bem estar que se esperava, devido aos fatos citados anteriormente. Os candidatos para a presidência criavam discursos moralistas e motivadores para impactar de forma abrangente todos os cidadãos brasileiros. Além disso, existiu um forte sentimento oposicionista generalizado durante a campanha eleitoral, todos vieram a criticar o governo Sarney (AREND, 2012). Ao mesmo tempo em que ocorriam as eleições no Brasil realizava-se em Washington uma reunião que ficou conhecida como “Consenso de Washington”.

O Consenso apresentou dez regras básicas, mas que podem ser resumidas em apenas quatro, a saber: a abertura econômica, isto é, o fim das barreiras protecionistas entre as nações; a desestatização, isto é, a privatização das empresas estatais; a desregulamentação, isto é, o fim das regras que limitam o movimento de capitais a nível internacional e ao interior de cada país, particularmente o especulativo; e a flexibilização das relações de trabalho, isto é, o fim dos direitos sindicais, trabalhistas e previdenciários, sobretudo nos países da América Latina. Esse ideário sistematizava o que passou a chamar-se de “neoliberalismo” (SOUZA, 2008).

Collor vence as eleições presidenciais e, como afirma Souza (2008), inaugura o “Consenso de Washington”. Dentre as políticas implementadas o presidente eleito promove uma forte abertura comercial, através da isenção de tarifas de importação para cerca de 1.000 produtos e a eliminação ou redução de barreiras não tarifárias. Ainda para o autor, ocorreu no Brasil uma longa década de 1990, com início no governo Collor e fim no governo FHC, ou seja, existia uma mesma ideologia compartilhada entre os dois presidentes que atuaram nessa década.

A abertura econômica abrange o país como um todo, porém possui impactos distintos em cada estado ou região, afetando, de forma específica a economia e a sociedade dessas localidades. O trabalho em questão tem por objetivo evidenciar os resultados da mudança de ideologia do governo, ou seja, a abertura econômica e a mudança estrutural a partir de 1990 para o estado de Santa Catarina.

Nos anos que antecedem a abertura comercial, o Estado de Santa Catarina apresentou um relativo superávit de sua balança comercial, devido ao rápido crescimento das exportações e diminuição das importações. Santa Catarina saiu da oitava posição em 1980, dentro do *ranking* dos estados brasileiros exportadores, para o quinto lugar em 1993, ficando atrás apenas de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. No que se refere às importações, o estado representava apenas 1% das exportações brasileiras em 1991 (MIRANDOLA, 2003).

Em termos reais, a abertura promovida por Collor, a exemplo do que ocorre no país como um todo, fez com que ocorresse uma elevação do fluxo de comércio exterior catarinense. Porém, como será observado mais adiante, o crescimento das importações foi muito superior ao crescimento das exportações a partir de 1989, ou seja, ocorre uma inversão, o Estado passa de um superávit para um déficit comercial.

Essa abertura trouxe fortes transformações na economia nacional, alterando as estruturas produtivas e comerciais nacionais e também de Santa Catarina. Foi necessária uma reestruturação produtiva para fazer frente aos produtos importados que entravam mais baratos e com um conteúdo tecnológico mais avançado, o novo quadro provocou uma reestruturação em vários setores, mas foram sobretudo as empresas de grande porte que tiveram uma maior participação no processo de ajuste produtivo. Para Mattei (2010) a necessidade de reestruturação se fez sentir de maneira intensa em distintos setores produtivos. A alternativa era o risco do deslocamento no mercado, observado em numerosos setores da indústria de transformação diagnosticados, no princípio da década de 1990, como de competitividade precária.

A abertura comercial foi marcada também pela forte entrada de investimentos externos diretos, segundo Lins (2001) o impacto foi tamanho que a velocidade de crescimento das importações suscitou temores de uma “rápida desnacionalização da indústria”. Não havia agora, como foi o caso dos anos anteriores, um Estado regulador que impedisse a venda de empresas nacionais ao capital internacional. Para Mattei (2010), ao mesmo tempo em que se modernizava, a indústria incorria em um aumento do nível de produtividade. Esse aspecto dos ajustes guardou forte relação com a maior

participação do capital estrangeiro no aparelho produtivo, crescimento que contribuiu substancialmente para aprofundar a concentração industrial no país.

Ainda para Mattei (2010), essa abertura provocou uma escalada nas importações brasileiras. O derivado aumento das pressões competitivas no mercado interno impôs fortes movimentos de reestruturação, os quais implicaram, no âmbito empresarial, principalmente na modernização de práticas gerenciais e focalização das atividades. Os dados abaixo mostram o aumento das importações brasileiras e o impacto disso na balança comercial. Pode-se verificar que entre 1990 e a 1997 as importações nacionais tiveram um aumento de 197%, um extraordinário aumento em menos de uma década. E o saldo da balança comercial, por sua vez, que apresentava superávit de US\$ 10.753.000,00 em 1990, passou para um déficit de US\$ 8.372.000,00 em 1997.

Tabela 1 – Comércio Externo do Brasil – 1990-1997 (US\$ milhões)

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1990	31.414	20.661	10.753
1991	31.620	21.041	10.579
1992	35.793	20.554	15.239
1993	38.555	25.256	13.229
1994	43.545	33.079	10.466
1995	46.506	49.972	-3.466
1996	47.747	53.301	-5.554
1997	52.986	61.358	-8.372

Fonte: MDIC/ Aliceweb.

Analisando o impacto desta abertura na economia catarinense, pode-se verificar que não foge à regra nacional. As indústrias catarinenses tiveram que passar por uma forte reestruturação produtiva para competir com os produtos importados. No que tange o agregado da economia catarinense, segundo Mattei (2010), no início da década de 1990, outra recessão vinha o cenário estadual, deva vez conectada as adversidades provocadas pelas medidas de política do governo Collor. Seu fôlego, porém, foi curto, pois, com a estabilização da moeda brasileira, no bojo do Plano Real,



um novo ciclo de crescimento foi deflagrado a partir de 1994 com taxas de crescimento do estado que se equivalem, ou até mesmo superam, as taxas apresentadas pelo País como um todo.

Alguns setores da economia catarinense se destacaram por manter o PIB do estado acima dos valores nacionais, (...) esse desempenho comparativo mais positivo do PIB catarinense, na última década do século XX, pode ser creditado pelo decisivo papel desempenhado pela indústria – particularmente o papel da indústria de transformação – na produção do estado em termos totais.

Para melhor analisar o impacto da abertura comercial da década de 1990 em Santa Catarina, é necessário fazer um raio-X dos principais setores da economia catarinense, onde poderá ser verificado quais desses conseguiram “sobreviver” a esse novo paradigma e quais foram aqueles que não o fizeram. Serão destacados aqui os seguintes setores: indústria cerâmica, complexo carbonífero, têxtil-vestuário, calçados, complexo agroindustrial.

O setor industrial cerâmico foi um dos setores catarinense que melhor se adaptou a abertura comercial, realizando uma forte reestruturação produtiva, e pôde até entrar no mercado externo, concorrendo com produtos internacionais, entre as maiores competidoras, as famosas cerâmicas chinesas. Para Goulart Filho (2007), uma das características que sempre marcou o desempenho do setor de revestimentos cerâmicos, no sul de Santa Catarina, foi a sua forma agressiva de atuar no mercado internacional. Em função da retração do mercado interno, durante a década de 1980, a conquista do mercado externo tornou-se condição *sine qua non* para a manutenção e a reprodução da capacidade instalada das indústrias de cerâmica, obrigando estas a introduzirem prematuramente – comparadas com a inserção de outros setores – os novos métodos de produção e gestão.

Em relação às questões sociais, a indústria cerâmica com o aumento da sua produtividade, e sua grande competitividade no exterior, apresentou um forte efeito irradiador na economia catarinense, destaque para o mercado de trabalho. O crescimento no número de empregos nos anos 1990 deu-se pela expansão das cerâmicas de pequeno e médio porte e pelo surgimento de mais unidades. Empresas como a Moliza, Gabriella, Solar, Pisoforte e Aurora ampliaram a capacidade produtiva e o número de trabalhadores, impedindo uma queda mais acentuada na oferta de emprego (GOULARTI FILHO, 2007).

O setor energético sempre foi de suma importância estratégica para todos os países ao longo dos anos, com o Brasil não foi diferente. O setor carbonífero nacional era de suma importância para a fundição do aço na indústria siderúrgica. No estado se destaca a região Sul como grande produtora de carvão mineral. O ano de 1990 marcou o fim do longo ciclo expansivo e acelerado do carvão, iniciado durante a Primeira Guerra Mundial, em que havia uma presença estatal mais ativa nesse setor. No governo Collor ocorreu diversos fatos marcantes para o setor carbonífero a partir da liberação da importação do carvão metalúrgico, a qual desobrigou as siderurgias estatais a comprarem o carvão nacional, acabou parcialmente com as cotas e acabou resultando no fechamento do Lavador de Capivari e das unidades da ICC em Imbituba e Criciúma (GOULARTI FILHO, 2007).

O complexo carbonífero passou por uma forte crise após o anúncio destas medidas e outros fatores que já se anunciavam desde a década de 80. Com o fim da produção do carvão metalúrgico nacional, a saída para o carvão catarinense foi manter a oferta energética destinada a Jorge Lacerda (GOULARTI FILHO, 2007). A partir daí pode-se concluir o impacto negativo da abertura comercial sobre o setor carbonífero catarinense, que vem ao longo dos últimos anos perdendo seu espaço como fonte de energia, por ser uma energia altamente poluente e com uma baixa relação custo-benefício.

Um dos setores de destaque da economia catarinense em nível nacional e global é sem sombra de dúvida o complexo Eletro-Metal-Mecânico, situado na região Norte do estado. Os anos 1990 significaram retrocessos para segmentos representativos da indústria nacional. Em Joinville, pode-se observar a reestruturação patrimonial da Tupy, desfazendo-se de parte de suas unidades em prol do capital externo (setor de tubos e conexões em PVC), como a aquisição da Douat pela Franke e da Aktos pela Fortilit, e a perda de 30% do mercado nacional de peças para bicicletas pela Duque, em favor dos importados. A crise social só não foi maior por que foi amortecida pelo surgimento de inúmeras micro e pequenas empresas, que ficam na granja das médias e grandes (GOULARTI FILHO, 2007). Pode-se verificar o forte impacto da reestruturação produtiva sobre um dos principais setores de bens de capital industrial nacional, sobretudo com a inserção do capital internacional na aquisição de indústrias brasileiras.

Segundo Goularti (2007), o segmento têxtil-vestuário foi o segmento mais atingido em Santa Catarina com o processo de abertura comercial e sobrevalorização.

Com a abertura comercial, reduzindo as alíquotas de importação de 105% em 1990 para 20% em 1993, a sobrevalorização cambial, ocorreu no aumento do nível de importações de produtos acabados do setor têxtil-vestuário, fazendo com que as exportações catarinenses do ramo têxtil caíssem de 423,6 milhões de dólares em 1993 para 258,7 milhões em 1999 reduzindo a participação do total exportado do estado para 10,1%. Ainda segundo o mesmo autor, a abertura comercial inaugurou uma nova fase do setor têxtil e vestuário em Santa Catarina, a fase da retração, sendo as cidades de Blumenau e Joinville as mais castigadas.

## **1.2 Relações de comércio entre o bloco econômico MERCOSUL e o estado de Santa Catarina**

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) foi elaborado a partir de uma concepção de fortalecimento entre as relações econômicas na América Latina, passando pela elaboração de políticas macroeconômicas para fortalecer os mercados dos países membros. O Tratado de Assunção marcou a criação formal do bloco. Por ser uma União Aduaneira, o MERCOSUL é regido por leis inerentes a tal organização econômica, ou seja, os fatores de produção trabalho, terra e capital podem circular livremente sem ter de passar por empecilhos de ordem alfandegária ou de efeito equivalente. Para estabelecer o comércio entre estas nações, utiliza-se uma tarifa externa comum (TCE). Os presidentes de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai foram signatários do acordo de estabelecimento da União Aduaneira em 31 de Dezembro de 1994. Com o intuito de estipular políticas de integração e estabelecer as relações entre sua economia e a dos países membros, o Governo do Estado de Santa Catarina criou, juntamente ao Ministério das Relações Exteriores, a Secretaria do Estado para o MERCOSUL.

Portanto, o processo de construção de um intercâmbio econômico entre o Cone Sul teve como melhor resultado a emergência do MERCOSUL como União Aduaneira em 1994. E é claro que tal Tratado teve impactos nas Economias dos países signatários desde então. No que tange à análise aqui proposta, como se comportou a balança comercial do Estado de Santa Catarina com o MERCOSUL desde então? Foi bom para o Estado o início desse relacionamento? Quais setores foram mais impactados? Afinal, algo mudou?

Com o intuito de demonstrar a partir dos dados o que ocorreu com a balança comercial de Santa Catarina no período que vai da instituição do MERCOSUL (1995) aos dias de hoje (2012), foram analisados os valores de importação e exportação desde

1997. A começar, é válido notar que o posicionamento geográfico favorável de Santa Catarina facilitou o grande aumento da intensidade do comércio entre as duas áreas, passando de um total de US\$ 16.393.015 em Janeiro de 1997 para US\$ 166.658.413 em Outubro de 2012. Os gastos com importação totais provenientes do MERCOSUL foram multiplicados por 10 em apenas 15 anos, chegando a representar 9,5% do total das importações do Estado em Abril de 2012. Santa Catarina em essência é um estado cujas importações por fator agregado são majoritariamente manufaturados (79,9% em Abril de 2012), e cuja exportação por fator agregado é dividida em 45% em produtos básicos e 52% em manufaturados. Esta distribuição da balança comercial é diferente da lógica de comércio brasileira, que atualmente tem em sua pauta de exportação produtos primários como minério de ferro, soja e laranja com grande participação.

A exportação é uma forma muito importante de proporcionar o crescimento econômico de uma economia. Concernente ao MERCOSUL, as exportações catarinenses são representativas historicamente, chegando a representar 11,3% do total exportado. Todavia, apesar de serem representativas, as exportações são bastante voláteis. O são, pois os países participantes do Bloco são economias subdesenvolvidas, e como tal tem uma dificuldade em controlar suas variáveis macroeconômicas como câmbio, inflação, taxa básica de juros, balança de pagamentos, etc. O caso da Argentina é emblemático e importante para explicar a diminuição brusca das exportações ao MERCOSUL, visto que este país é o segundo principal parceiro comercial do Estado de Santa Catarina na América Latina e o segundo do Brasil. Para tornar ilustrativo o papel relevante da Argentina, tem-se que em Novembro de 2001 o volume de exportações era de 31.142.155, passando para 24.944.245 em Dezembro daquele ano e chegando ao poço de 9.598.666 em Agosto de 2002. A crise financeira de 2008 nos Estados Unidos se alastrou pelo globo e acabou por afetar as exportações catarinenses para o MERCOSUL no ano de 2009, visto que o volume de exportações bateu US\$ 652.735.978, diminuição de 25% frente o ano de 2008. Em 2010 já se verifica uma forte recuperação nos esforços com exportação devido à recuperação da confiança dos empresários frente às expectativas relacionadas às políticas econômicas que seriam adotadas então.

No quesito exportação catarinense ao MERCOSUL, apresenta-se em destaque a empresa Cia. Hering, que ocupa a primeira posição no ranking de vendas de seu setor de atuação tanto no Brasil quanto na América Latina. A Hering, após ter passado por um período de mudanças internas devido ao período de reestruturação produtiva da

década de 90, mudou sua base produtiva para Fortaleza no Estado do Ceará na década e 90, e desde então vem competindo localmente, regionalmente e mundialmente por novos mercados no setor têxtil e de vestuário.

### **1.3 Mudança do regime cambial brasileiro de 1999 e impactos no comércio internacional catarinense**

No esforço de superar as grandes taxas de inflação que atingiram a economia brasileira na virada da década de 1980 para 1990, o governo brasileiro lança o Plano Real. Com ele o problema da inflação é resolvido, porém, por outro lado, o plano trouxe desequilíbrios para as contas externas do país.

Logo após a adoção do Real, é adotado também o regime de bandas cambiais. Neste caso, o Banco Central determina as faixas de limite para a variação livre do câmbio. Entretanto, para manter a paridade Dólar-Real, o governo do Brasil necessitava de grande reserva de dólares para tal controle, até por que as vendas superavam a compra da moeda estrangeira. O resultado disso era valorização cambial. O desequilíbrio se tornou tão grande, que o Brasil em 1999, apenas cinco anos depois da adoção do regime de bandas, muda para o câmbio flutuante. O governo evitava, assim, uma violenta crise cambial.

A mudança, além de recuperar as contas externas brasileiras, ainda auxiliou importantes setores da economia nacional. Os setores que produziam bens e serviços exportáveis ou substitutos de importações já estavam enfraquecidos com a valorização cambial do período 1994-1998 (NOGUEIRA BATISTA JR, 2002).

A partir de 1999, juntamente com a implantação do sistema de metas inflacionárias, a taxa básica de juros da economia brasileira passaria a ser utilizada para atingir tal metas, enquanto caberia à taxa de câmbio promover o ajuste no balanço de pagamentos.

A principal vantagem do novo regime cambial – flutuante – é autonomia de política monetária. Mas é evidente também que, no Brasil, o regime cambial ofereceu condições para que as exportações pudessem voltar a crescer, visto que o Real estava muito valorizado. Para se ter uma ideia, nos primeiros 45 dias após a adoção do câmbio flutuante, a moeda brasileira desvalorizou cerca de 60%<sup>2</sup>. A partir do novo regime, o comércio internacional brasileiro cresceu a taxas superiores à taxa mundial. E, até 2004,

---

<sup>2</sup> DE SOUZA, F. E. P., HOFF, C. R. – O Regime Cambial Brasileiro: 7 Anos de Flutuação. Página 9.

enquanto a desvalorização do Real continuou, o valor das exportações cresceu mais rápido do que o valor das importações. A partir de 2005, há uma mudança de tendência. O Real, dada a consolidação de estabilidade da economia e do governo brasileiro, começou a valorizar. Como câmbio valorizado aumenta a quantidade de produtos importados, além de dificultar a inserção das indústrias brasileiras no mercado externo, as exportações não conseguem mais acompanhar o ritmo de importações. De 2005 a 2011 as importações cresceram 207%, enquanto que as exportações elevaram-se em 116%<sup>3</sup>.

Toda essa análise da economia brasileira é feita por que o estado de Santa Catarina está inserido nestas condições. Não há como negar que a economia do estado passa pelos mesmos ciclos que a economia nacional. É claro que nem tudo acontece de igual maneira no país e no estado, afinal a dinâmica industrial e a pujança exportadora são mais destacadas em âmbito estadual do que para o país como um todo<sup>4</sup>.

Dentro de Santa Catarina, os setores da economia sentem os impactos de mudanças nas políticas econômicas e da conjuntura internacional de maneira diferente. Os setores de Alimentos e Bebidas não tiveram maiores problemas com a flutuação do câmbio, e sua valorização desde 2005. O primeiro setor, intensivo em recursos naturais, e com notável produtividade mesmo a nível internacional, não sofre com a valorização do real.

Todavia, em setores como Cerâmicos, Madeira, Papel e Celulose, Calçados, Vestuário e Têxtil, o livre câmbio tem apresentado más consequências em função da flutuação do Real, que permite o processo de valorização que ocorreu de 2005 até 2011. As importações chinesas, por exemplo, impulsionadas por essa valorização, tiveram duro impacto para o setor de Calçados e Cerâmico. Tais setores viram os produtos da China invadirem o mercado catarinense e brasileiro, além é claro, da concorrência em todos os outros países em que as indústrias catarinenses têm operações.

Por fim, é importante ressaltar a dramática consequência no setor de Móveis, especificamente a região de São Bento do Sul. Lá, a crise financeira de 2008 afetou as compras do principal importador do Brasil (EUA), juntamente com a fortificação do Real internacionalmente, fazem com que grandes empresas entrem em concordata ou tentem rearranjar suas vendas visando o mercado interno.

---

<sup>3</sup> CARIO, S. A. F., NICOLAU, J. A., SEABRA, F., BITTENCOURT, P. – Processo de desindustrialização em Santa Catarina. Página 12.

<sup>4</sup> Ibidem, página 18.

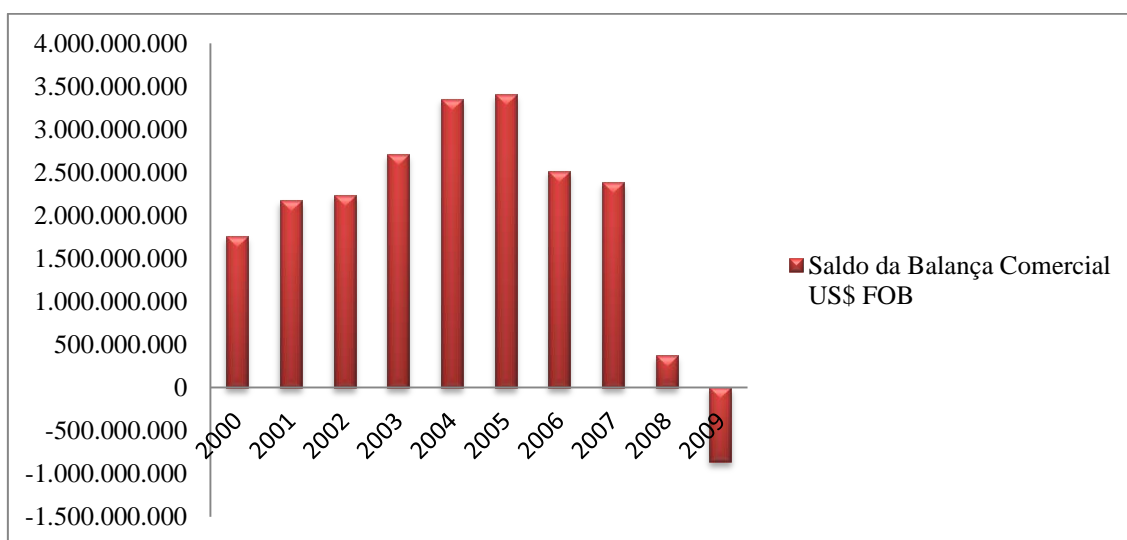
Com isso, pode-se ver a importância do direcionamento das políticas cambiais adotadas pelo governo federal, que impactam diretamente sobre as indústrias catarinenses exportadoras e importadoras.

#### 1.4 O Impacto da crise financeira de 2008 no comércio externo de Santa Catarina

A crise financeira desencadeada no ano de 2008 alcançou proporções mundiais, afetando, principalmente, o comércio entre as nações. A partir disso, procura-se analisar o efeito sobre a economia catarinense, a qual está intimamente relacionada às flutuações do mercado externo, já que grande parte de sua produção industrial é voltada para exportações. Partimos então da ideia de que as empresas catarinenses estão diretamente vinculadas ao mercado mundial, não cabendo aqui partir do pressuposto de que a produção catarinense segue um modelo de desenvolvimento único e exclusivo. Como veremos o que ocorre é exatamente o contrário, sendo que esta é diretamente afetada pelas flutuações internacionais e se mostrou vulnerável aos movimentos de variáveis macroeconômicas, como a taxa de câmbio.

Para estudarmos as consequências sobre a economia catarinense partiremos da análise do comportamento do saldo da balança comercial de Santa Catarina no período do ano de 2000 a 2009. O saldo da balança comercial é dado pela diferença entre o nível das exportações e das importações anualmente, tendo como unidade de conta a moeda dólar americano (US\$).

Gráfico 1 – Saldo da Balança Comercial de Santa Catarina

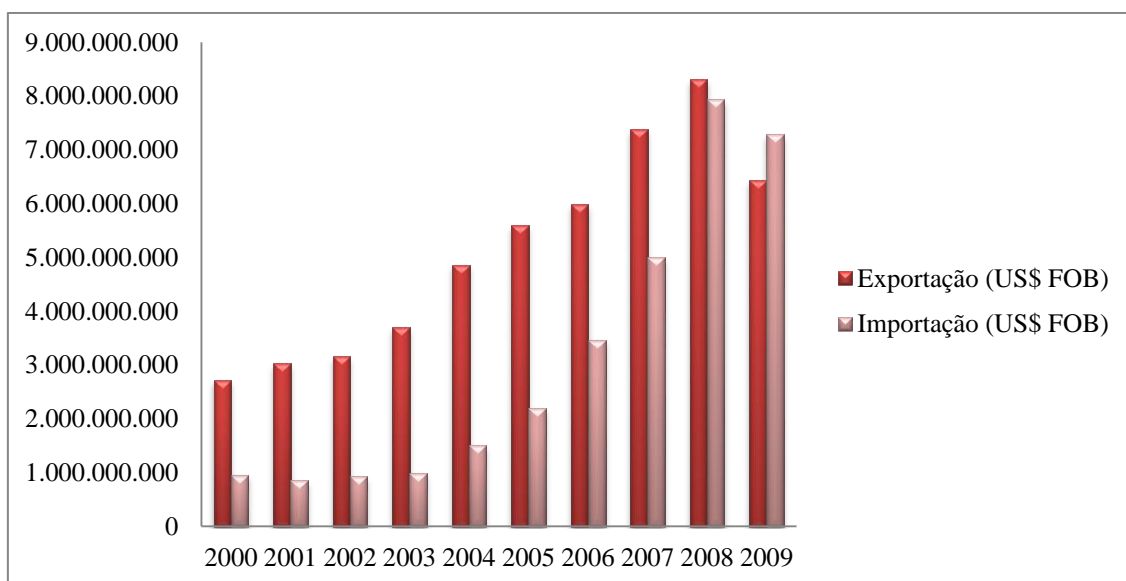


Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb.

O comportamento do saldo da balança comercial de Santa Catarina vinha apresentando uma tendência de queda desde o ano de 2006, em 2008 essa tendência foi acentuada. Isso se deve, em um primeiro momento, ao aumento da importância das importações. Deve-se também a forte participação como consumidores, dos produtos exportados de Santa Catarina, dos países diretamente atacados pela crise, como os EUA e os países europeus. O baixo crescimento do produto americano e Europeu afetou diretamente a redução das exportações catarinenses, há aqui uma falha de mercado, o protecionismo, que dificulta os ganhos do livre comércio. Em época de crise, os países buscam se fechar e diminuir as exportações, como também fortalecer suas indústrias nacionais, isso abala diretamente a indústria exportadora, a qual se vê desarmada contra a diminuição das importações de seus principais consumidores.

Nesse mesmo período de análise, observa-se que a balança comercial de Santa Catarina individualmente sofreu mais que a do Brasil, isso se deve principalmente, ao fato de que as exportações catarinenses abrangem majoritariamente o setor de produtos industrializados, sendo que estes são muito mais sensíveis às flutuações do câmbio do que os produtos primários, como as *commodities*, que possuem grande participação na pauta comercial externa brasileira.

Gráfico 2 – Exportação e Importação de Santa Catarina

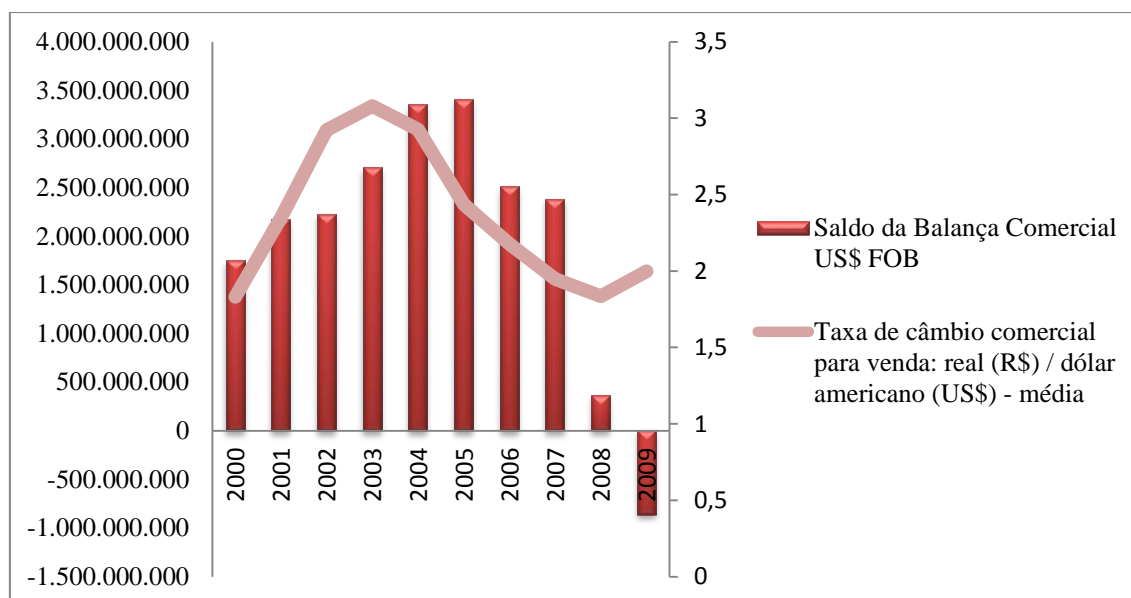


Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb.



O não corriqueiro comportamento da taxa de câmbio, nesse período influenciou fortemente o comportamento da balança comercial, e a variação das exportações e importações, como mostrado na figura acima, de Santa Catarina:

Gráfico 3 – Saldo da Balança Comercial e Taxa de Câmbio



Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb; Ipeadata.

A queda da taxa de câmbio se mostra, para o comércio externo de Santa Catarina, como uma externalidade negativa, como uma falha de mercado. Com a valorização da moeda nacional, observa-se uma diminuição do saldo da balança comercial. Essa diminuição se deve também a outras falhas de mercado observadas por Amal e Seabra, na região catarinense, como os problemas de estrutura logística e problemas intitucionais referentes à burocracia, regulamentação e taxas aduaneiras.

Segundo Amal e Seabra:

A dimensão produtiva envolve também dois fluxos: a capacidade da região de atrair investimentos de multinacionais, o que indica a existência de vantagens competitivas na região e sua capacidade de se inserir em redes globais de produção; e a internacionalização de empresas locais, em termos de investimentos produtivos fora do país, o que evidencia maturidade empresarial<sup>5</sup>.

A internacionalização de uma região é dada, não somente pelo nível de comércio com o exterior (nível de exportação e importação), mas também por meio de

<sup>5</sup> AMAL, Mohamed; Seabra, Fernando. In: A socioeconomia catarinense cenários e perspectivas no início do século XXI, 2010, p. 255

mecanismos financeiros, a partir da abertura comercial e de Investimento Direto Externo (IDE). Então, segundo Amal e Seabra, o nível de IDE, a capacidade de exportar, como também de importar e a instalação de fábricas em território estrangeiro, caracteriza as empresas de uma região como maduras e fortalecidas em âmbito internacional. Apesar do grande abalo que a economia catarinense sofreu com o estouro da crise, pode-se concluir então que essa ainda manteve-se firme, com seus altos índices de importação e suas instalações e influência no exterior.

## **2 Conjuntura atual do comércio externo de Santa Catarina**

### **2.1 Principais produtos exportados e importados por Santa Catarina**

Antes de analisarmos as principais empresas de Santa Catarina, devemos também observar a pauta de exportação e de importação do Estado, sendo que, a distribuição dos produtos catarinenses comercializados com o exterior está diretamente relacionada com essas empresas, além disso, como serão observadas, as mudanças estruturais e as políticas macroeconômicas, como a política cambial, por exemplo, possuem efeitos irradiadores para as empresas contidas no estado, afetando, dessa forma, o comércio exterior catarinense.

Tomando um período que se estende de 2000 até 2011, fica evidente uma mudança dos principais produtos exportados e importados em Santa Catarina. No que diz respeito às exportações, esta mudança está associada, principalmente a desvalorização do real, promovida no governo FHC a partir de 1999 (ver seção 1.4). Como observado na tabela abaixo, três dos principais produtos exportados são relacionados a móveis, provenientes de São Bento do Sul no norte do estado, com a mudança cambial diversas fábricas moveleiras declaram falência nesse cluster industrial, como resultado, as exportações de móveis tiveram um queda acentuada, deixando de ser três dos principais produtos exportados por Santa Catarina.

Tabela 2 - Principais produtos exportados por Santa Catarina em 2000

<b>NCM - Produto</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>Peso Líquido (kg)</b>	<b>Participação nas Exportações Totais do Estado</b>
84143011 - Motocompressor hermetico, capacidade<4700 frigorias/hora	268.216.152	89.907.210	9,89%

02071400 - Pedacos e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados	241.197.306	234.699.955	8,89%
63026000 - Roupas de toucador/cozinha, de tecidos atalh.de algodão	141.193.170	17.460.123	5,21%
02071200 - Carnes de galos/galinhas, n/cortadas em pedacos, congel.	115.033.305	158.396.796	4,24%
69089000 - Outros ladrilhos, etc.de cerâmica, vidrados, esmaltados	112.781.002	403.172.356	4,16%
94036000 - Outros móveis de madeira	108.906.771	59.870.018	4,02%
94035000 - Móveis de madeira para quartos de dormir	82.560.363	46.542.721	3,04%
44071000 - Madeira de coníferas, serrada/cortada em fls.etc.esp>6mm	82.521.147	220.884.250	3,04%
48041100 - Papel/cartão "kraftliner", p/cobertura, crus, em rolos/fls	79.809.544	189.938.684	2,94%
02032900 - Outras carnes de suíno, congeladas	72.404.975	48.692.510	2,67%

Fonte: MDIC.

Além disso, observa-se uma mudança relacionada às exportações de produtos têxteis. Em 2000, esses produtos estavam em terceiro lugar dentre os produtos mais exportados por Santa Catarina, representando um total de 5,21% do total das exportações catarinenses. E por fim, nota-se que mesmo com o crescimento da indústria cerâmica em Criciúma, as exportações desse produto diminuem quando se compara 2000 com 2011.

Tabela 3 - Principais produtos exportados por Santa Catarina em 2011

NCM - Produto	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Participação nas Exportações Totais do Estado
02071400 - Pedacos e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados	1.511.825.625	669.444.298	16,70%
24012030 - Fumo n/manuf.total/parc.destal.fl.s.secas, etc.virgínia	778.064.522	115.118.640	8,60%
84143011 - Motocompressor hermetico, capacidade<4700 frigorias/hora	470.707.175	108.093.658	5,20%
84099912 - Blocos de cilindros, cabecotes, etc.p/motores diesel/semi	425.007.937	153.111.962	4,70%

02032900 - Outras carnes de suíno, congeladas	411.064.896	134.164.820	4,54%
02071200 - Carnes de galos/galinhas, n/cortadas em pedaços, congel.	376.494.398	220.715.077	4,16%
85015210 - Motor eletr.corr.altern.trif.750w<p<=75kw, rotor gaiola	299.666.448	72.454.908	3,31%
02109900 - Carnes de outros animais, salgadas, secas, etc.	262.524.988	80.048.777	2,90%
16023200 - Preparações alimentícias e conservas, de galos, galinhas	255.363.846	72.963.234	2,82%
85015310 - Motor eletr.corr.altern.trif.75kw<pot<=7500kw	226.798.186	33.618.295	2,51%

Fonte: MDIC.

Como será visto na próxima seção, as principais empresas exportadoras de Santa Catarina são: Seara; WEG; Whirlpool S/A; Sadia; BRF - Brasil Foods S/A; Tupy S/A; Souza Cruz S/A; Cooperativa Central Oeste Catarinense; Universal Leaf Tabacos Ltda; Frigorífico Riosulense S/A. Nota-se um grande percentual de produtos alimentícios na pauta de exportação catarinense, isso ocorre pelo fato da Seara ser a empresa que mais exportou no estado em 2011. Além disso, a BRF e a Sadia tiveram importância relevante dentre as maiores exportadoras. Por fim, observa-se uma grande exportação de motores elétricos e fumo.

No decorrer desse trabalho, foi possível analisar que a abertura comercial, promovida no Governo Collor, apesar de aumentar o fluxo do comércio exterior brasileiro fez com que as importações crescessem em um nível superior as exportações, ocasionando déficits na balança comercial e, por consequência, na balança de pagamentos do país. Apesar de esse movimento ocasionar efeitos distintos para cada estado, Santa Catarina seguiu o mesmo ritmo do Brasil como um todo, ou seja, o seu nível de importação aumentou mais do que o nível de exportação. Desse modo é necessário entender quais empresas mais importaram no Estado e quais os produtos mais importados, dado que essas empresas muitas vezes não têm a sua demanda atendida internamente, sendo necessário recorrer ao mercado externo.

Tabela 4 - Principais produtos importados por Santa Catarina em 2000

NCM - Produto	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Participação nas Importações Totais Do Estado
52010090 - Outros tipos de algodão não	42.852.295	36.401.881	4,48%

cardado nem penteado			
87032310 - Automóveis c/motor explosão, 1500<cm3<=3000, ate 6 passag	42.682.823	8.206.887	4,46%
10019090 - Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio	38.963.857	338.241.466	4,07%
85438999 - Outs.máquinas e aparelhos elétricos com função propria	23.145.293	416.620	2,42%
10059010 - Milho em grão, exceto para semeadura	19.410.813	199.283.449	2,03%
54023300 - Fio texturizado de poliésteres	17.094.684	11.488.680	1,79%
10070090 - Sorgo em grão, exceto para semeadura	15.289.943	199.682.438	1,60%
23040090 - Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	14.112.851	84.969.000	1,47%
12010090 - Outros grãos de soja, mesmo triturados	13.833.990	87.000.000	1,45%
39039090 - Outros polímeros de estireno, em formas primárias	10.877.650	9.691.484	1,14%

Fonte: MDIC.

O produto mais importado em 2000 era algodão, demandado pelas indústrias têxteis do estado, dois movimentos fizeram com que a demanda catarinense por esse produto caíssem. Primeiro, ocorre um aumento da produção de algodão no Brasil, ou seja, essas empresas vieram a conseguir suprir a sua demanda internamente, além disso, houve uma diminuição da produção nesse ramo industrial em Santa Catarina. Esses dois fatos fizeram com que diminuíssem as importações de algodão e produtos derivados .

Por outro lado, verifica-se que o estado era um grande importador de produtos primários como trigo e soja. Com o aumento da produção interna desses bens, a necessidade de importar diminui, os demais produtos mantiveram seus níveis em 2011. Abaixo podemos observar os produtos mais importados por Santa Catarina em 2011, notando uma forte demanda por produtos intermediário para indústria, representando um percentual de 10,62%.

Tabela 5 - Principais produtos importados por Santa Catarina em 2011

NCM - Produto	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Participação nas Importações Totais do Estado
74031100 - Catodos de cobre refinado/seus elementos, em forma bruta	1.576.514.039	173.862.201	10,62%

39012029 - Outros polietilenos s/carga, d>=0.94, em formas primárias	254.850.475	175.143.545	1,72%
39019090 - Outros polímeros de etileno, em formas primárias	199.458.243	129.860.119	1,34%
55101100 - Fio de fibras artificiais>=85%, simples	179.239.726	44.342.461	1,21%
39041010 - Policloreto de vinila, obt.proc.suspensao, forma primária	176.563.199	142.373.073	1,19%
39021020 - Polipropileno sem carga, em forma primária	176.508.597	102.173.345	1,19%
40112090 - Outros pneus novos para ônibus ou caminhões	161.113.504	36.947.903	1,09%
54023300 - Fio texturizado de poliésteres	140.475.485	65.008.777	0,95%
76011000 - Alumínio não ligado em forma bruta	133.609.211	51.554.580	0,90%
74081100 - Fios de cobre refinado, maior dimensão da sec.transv>6mm	131.295.237	14.164.072	0,88%

Fonte: MDIC.

## 2.2 Principais empresas para o comércio externo de Santa Catarina

O atual comércio externo de Santa Catarina pode ser caracterizado pelo ramo de produção de suas principais empresas exportadoras e importadoras, busca-se aqui elencar estas:

Tabela 6 – Principais empresas exportadoras em 2011

Ranking	EMPRESA	2011	
		US\$ FOB	% s/ Total
1	Seara Alimentos S/A	798.720.983	8,82
2	WEG Equipamentos Elétricos S/A	760.828.705	8,41
3	Whirlpool S/A	594.574.653	6,57
4	Sadia	572.982.282	6,33
5	BRF - Brasil Foods S/A	568.632.298	6,28
6	Tupy S/A	511.832.082	5,65
7	Souza Cruz S/A	420.160.458	4,64
8	Cooperativa Central Oeste Catarinense	297.171.947	3,28
9	Universal Leaf Tabacos Ltda.	185.560.187	2,05

10	Frigorífico Riosulense S/A	155.079.535	1,71
----	----------------------------	-------------	------

Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb.

Tabela 7 – Principais empresas importadoras em 2011

Ranking	EMPRESA	2011	
		US\$ FOB	% s/ Total
1	Copper Trading S/A	903.171.073	6,08
2	Sainte Marie Importação e Exportação Ltda	424.802.124	2,86
3	Columbia Trading S/A	403.630.949	2,72
4	Dow Brasil S/A	352.838.600	2,38
5	First S/A	344.060.384	2,32
6	Komport Comercial Importadora S/A	321.038.691	2,16
7	Cotia Vitória Serviços e Comércio S/A	303.397.596	2,04
8	Pirelli Pneus S/A	303.215.272	2,04
9	Capital Trade Importação e Exportação S/A	276.582.214	1,86
10	Diamond Business Trading	248.865.540	1,68
13	Whirlpool S/A	196.327.298	1,32
17	WEG Equipamentos Elétricos S/A	173.317.122	1,17

Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb.

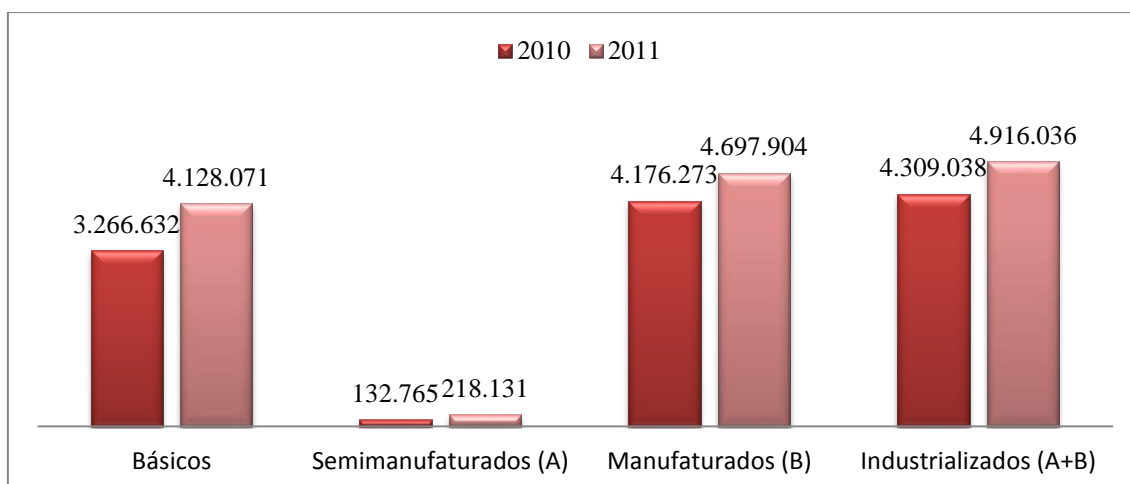
A caracterização do comércio externo de Santa Catarina pode ser dada então pela predominância do setor de bens industrializados. O *ranking* das principais empresas exportadoras evidencia a alta participação de empresas manufatureiras. As principais importadoras reafirmam esse aspecto, sendo que, em sua maioria, são empresas especializadas em importação de bens de consumo duráveis, de capital e de outros produtos industrializados. A quase inexpressiva participação do setor de produtos primários faz com que a economia catarinense seja entendida como uma economia industrialmente madura:

“A dimensão de comércio internacional evidencia não apenas a capacidade das empresas de se inserirem como exportadoras em mercados, mas também como importadoras de insumos e tecnologias – o que permite ganhos de eficiência, redução de custos e aperfeiçoamento da qualidade do produto.”<sup>6</sup>

<sup>6</sup> AMAL, Mohamed; Seabra, Fernando. In: A socioeconomia catarinense cenários e perspectivas no início do século XXI, 2010, p. 255.

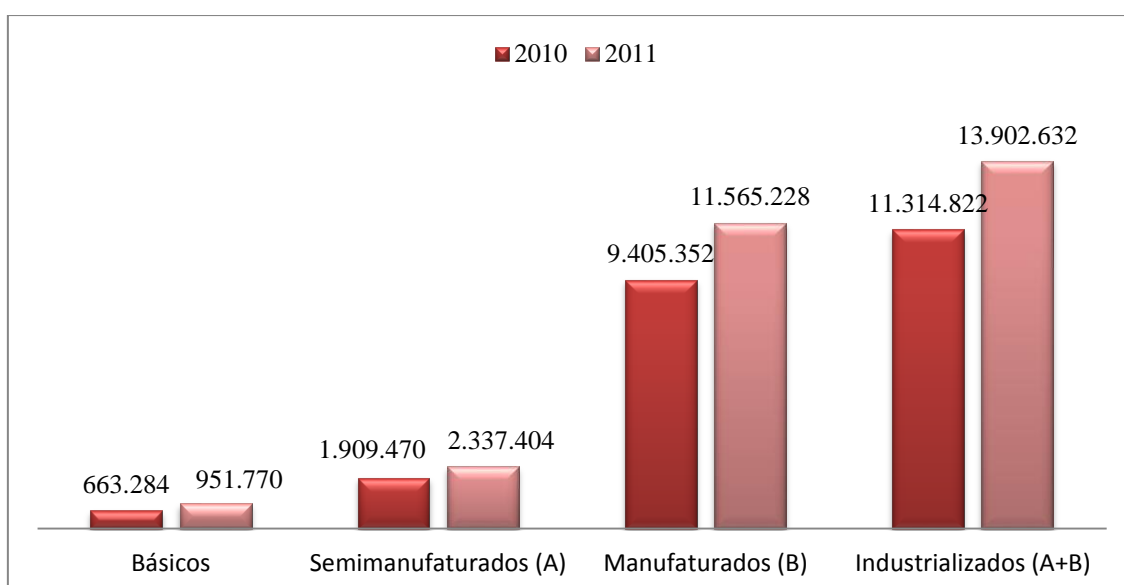
Pode-se ainda analisar melhor a participação atual dos ramos de produção a partir dos dados sobre as exportações e importação de produtos considerados em diferentes níveis de fatores agregados:

Gráfico 4 – Exportações catarinenses por fatores agregados (US\$ FOB mil)



Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb.

Gráfico 5 – Importações catarinenses por fatores agregados (US\$ FOB mil)



Fonte: MDIC, Sistema Aliceweb.

Santa Catarina apresenta um aspecto interessante quando ao fluxo de mercadorias, há evidente um comércio intraindustria, apesar de os bens básicos terem grande participação no valor total das exportações, é nítida a maior importância das exportações de industrializados (semimanufaturados e manufaturados). Sendo que, ao

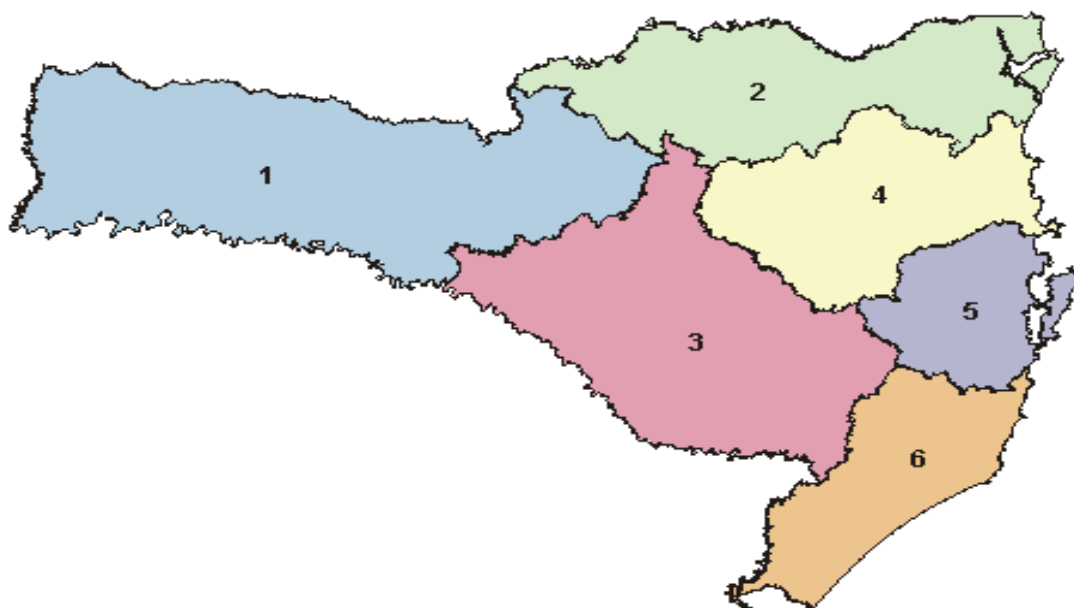


mesmo tempo, esse mesmo ramo de comércio (de produtos industrializados) apresenta também a maior participação no nível de importações. O comércio intraindústria sugere um alto nível de desenvolvimento tecnológico e produtivo entre os integrantes dessa troca. Esse tipo de comércio ocorre devido à competitividade via diferenciação de produto e ganhos de escala de produção. Partindo dessa ideia, podemos concluir que a economia catarinense se mostra firmada e bem competitiva em âmbito internacional a partir da produção de bens manufaturados.

### 2.3 Comércio internacional catarinense por regiões

Nesta seção são abordados os dados relativos ao valor de importações e exportações totais, por região, de Santa Catarina. O estado é composto por 6 mesorregiões e 20 microrregiões (ver figuras 1 e 2).

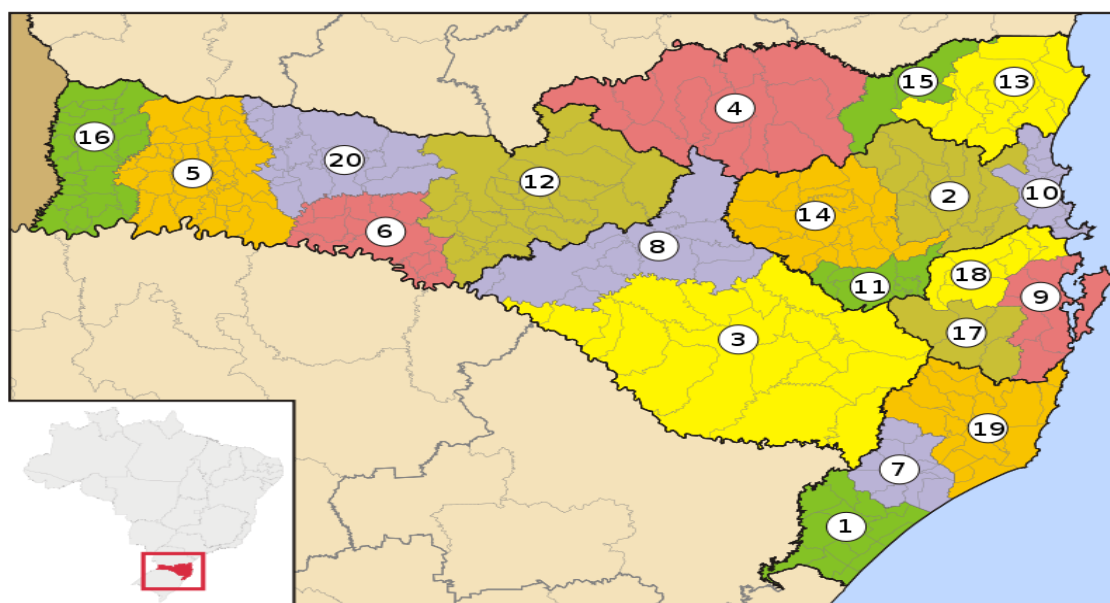
Figura 1 – Mesorregiões de Santa Catarina



1 – Oeste; 2 – Norte; 3 – Serrana; 4 – Vale do Itajaí; 5 – Grande Florianópolis; 6 – Sul

Fonte: Epagri; disponível em: [http://cepa.epagri.sc.gov.br/agroturismo/mapa\\_meso.htm](http://cepa.epagri.sc.gov.br/agroturismo/mapa_meso.htm).

Figura 2 – Microrregiões de Santa Catarina

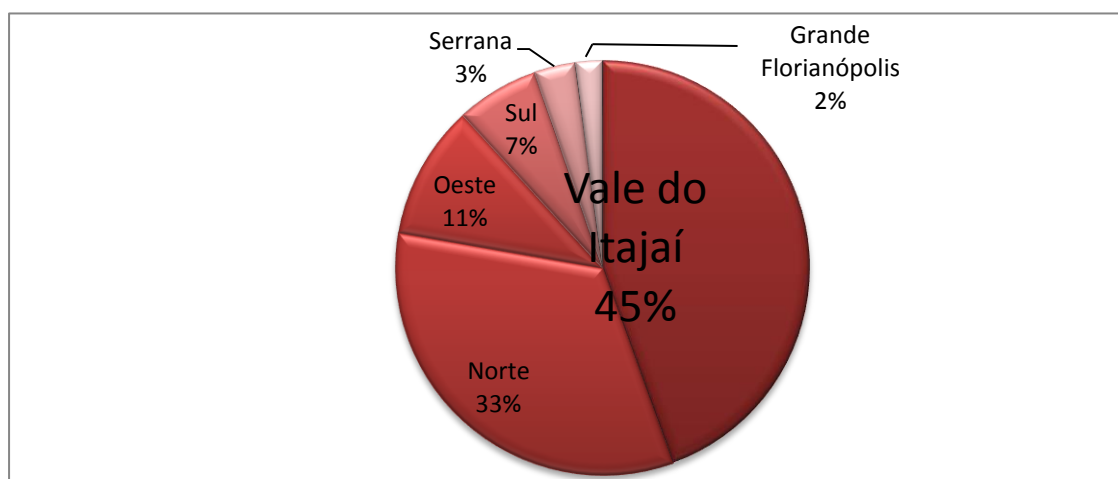


1 – Araranguá; 2 – Blumenau; 3 – Lages; 4 – Canoinhas; 5 – Chapecó; 6 – Concórdia; 7 – Criciúma; 8 – Campos Novos; 9 – Florianópolis; 10 – Itajaí; 11 – Ituporanga; 12 – Joaçaba; 13 – Joinville; 14 – Rio do Sul; 15 – São Bento do Sul; 16 – São Miguel do Oeste; 17 - Tabuleiro; 18 - Tijucas; 19 – Tubarão; 20 - Xanxerê.

Fonte: Wikipédia.

Em 2011, Santa Catarina exportou US\$10.616.225.000,00. A mesorregião do Vale do Itajaí foi a que mais contribuiu. O Norte ocupa o segundo lugar e o Oeste o terceiro. O gráfico abaixo discrimina o percentual de cada região em relação ao estado.

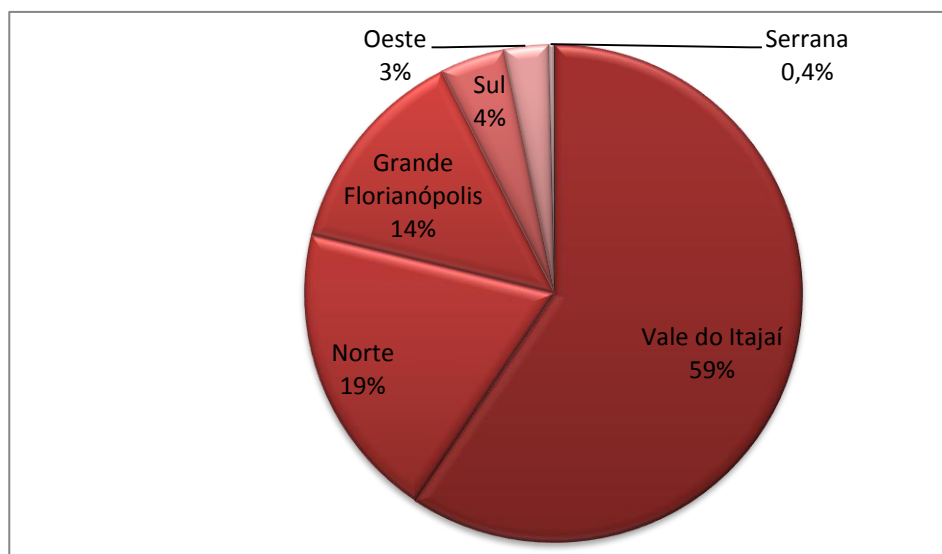
Gráfico 6 – Contribuição percentual das mesorregiões de Santa Catarina nas exportações de 2011



Fonte: dados da MDIC/SESEX; gráfico: elaboração própria.

Já nas importações, SC obteve a quantia de US\$14.467.743.883,00, o que deixa o estado deficitário em US\$ -3.851.518.883,00. O Vale do Itajaí é ainda mais abrangente, respondendo por 59%. As Mesorregiões Oeste e Grande Florianópolis invertem suas posições. O gráfico abaixo ilustra esse parágrafo:

Gráfico 7 – Contribuição percentual das mesorregiões de Santa Catarina nas importações de 2011



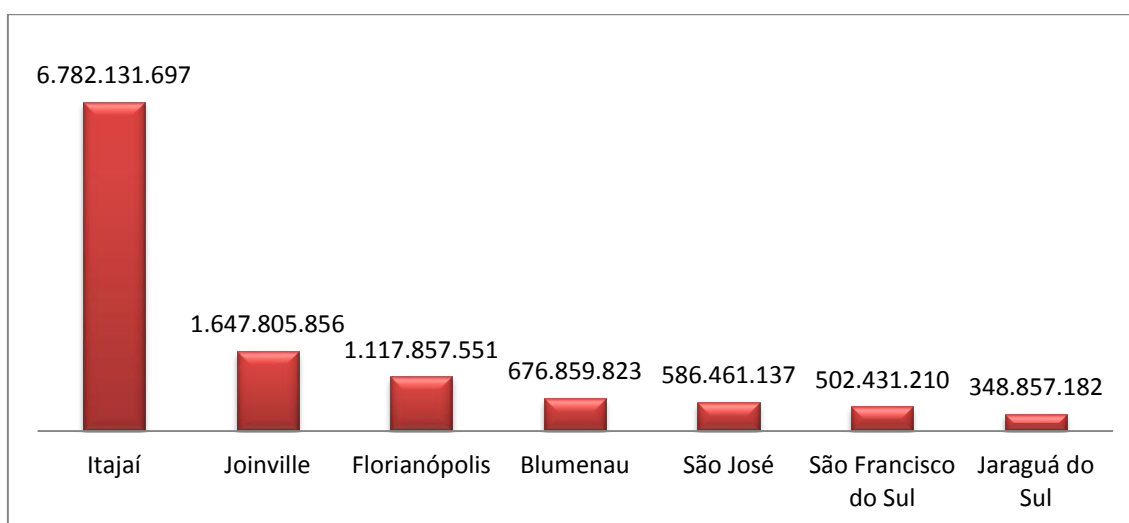
Fonte: dados da MDIC/SESEX; gráfico: elaboração própria

A partir dos gráficos 5 e 6, pode-se perceber que:

- A Região da Grande Florianópolis apresenta grande disparidade, tendo em vista a baixa participação nas exportações e respondendo por 14% das importações.
- A Serrana é a menos vinculada ao comércio externo, tendo pequena participação nos dois casos.
- Norte, Sul e Oeste têm participação maior nas exportações. Todavia, não conseguem contrabalançar o Vale do Itajaí, o que faz Santa Catarina ser um estado deficitário em sua balança comercial.

É possível ainda, aprofundar a análise, e olhar as cidades separadamente. O gráfico a seguir traz as sete maiores cidades importadoras de Santa Catarina:

Gráfico 8 – Sete maiores municípios importadores de SC em 2011 (US\$)



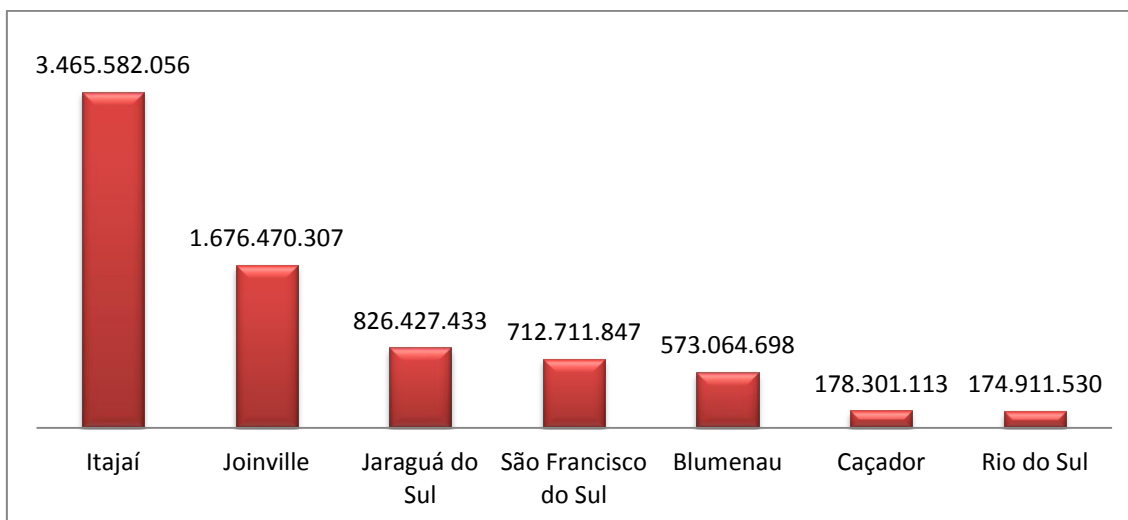
Fonte: MDIC/SESEX, gráfico: elaboração própria.

Itajaí concentra boa parte das importações de Santa Catarina, tanto é que Joinville, segunda maior importadora, tem um quantum mais do que quatro vezes menor. A capital catarinense também é destaque nas importações. É interessante observar que todas se encontram na faixa litorânea do estado, sendo Blumenau a mais distante. E ainda, são 2 cidades do Vale do Itajaí, 3 do Norte e 2 da Grande Florianópolis. Mais um fator que demonstra como a região nordeste do estado é realmente a grande importadora. E claro, o porto de Itajaí é grande responsável pela discrepância entre esse município e os outros. Várias empresas possuem sede na cidade, fazendo com que ela seja a receptora de muitas outras cidades do estado e do país inclusive.

Passando para as exportações, o gráfico abaixo traz as principais cidades exportadoras. Itajaí continua com a primeira colocação com sobra, graças – mais uma vez – ao porto, e principalmente graças às exportações de carne congelada. Joinville continua em segundo lugar, ainda que distante de Itajaí. Como não possui porto, em termos práticos, poder-se-ia arriscar que de fato, em termos de indústria e produção, Joinville é o principal centro de importação e exportações do estado. Jaraguá do Sul e seu bom saldo na balança comercial fazem da cidade a 7ª maior importadora, porém 3ª maior exportadora. São Francisco do Sul, em menor medida também puxada por seu porto, cresce nas exportações e torna-se a 4ª maior do estado. Blumenau também aparece na lista, e o destaque desta vez é para Caçador e Rio do Sul. Cidades de porte

médio, com população de 71 mil e 61 mil respectivamente, conseguem se destacar em âmbito estadual e ficar à frente de cidades de maior porte, como Criciúma e Chapecó.

Gráfico 9 – Sete maiores municípios exportadores de SC em 2011 (US\$)



Fonte: MDIC/SESEX, gráfico: elaboração própria.

Caçador possui como principais atividades extração e industrialização de madeira, além do crescimento dos hortifrutigranjeiros, com isso, consegue a 6ª posição no ranking catarinense. Já Rio do Sul, ainda que o grosso da participação seja do Frigorífico Riossulense, possui atividades mais diversificadas, contribuindo ainda para as exportações Pedais, Bancos, Guidões e outros acessórios para bicicletas, assim como Autopeças.

Nas próximas seções são apresentados os dados de cada mesorregião separadamente, destacando os principais pontos.

### 2.3.1 Mesorregião Oeste

Formada por 117 municípios, possui cinco microrregiões. É a mais próxima, geograficamente, de países vizinhos, como Argentina, Chile e Paraguai. De acordo com a FIESC<sup>7</sup>, o setor que mais emprega e com maior importância econômica é, sem dúvidas, o setor Alimentar (principalmente na região do Alto Uruguai e Centro-Oeste), seguido pelo setor de Madeira (principalmente na região Centro Norte).

<sup>7</sup> Dados contidos na publicação Santa Catarina em Dados 2012. Disponível em: <http://www.fiesc.com.br/>

A região exportou em 2011 o equivalente a US\$ 1.123.748.585,00, e importou US\$ 416.029.580,00, o que resulta em uma balança comercial de US\$707.719.005,00<sup>8</sup>. A tabela 1.1.1 contém a balança comercial das principais cidades do ponto de vista do comércio exterior.

Tabela 8 – Principais balanços comerciais da Mesorregião Oeste em 2011 (US\$)

Cidade	Exportação	Importação	Saldo
Itapiranga	168.517.058	3.118.828	165.398.230
Caçador	178.301.113	37.493.321	140.807.792
Seara	120.299.970	4.081.348	116.218.622
Ipumirim	97.317.059	138.504	97.178.555
Chapecó	29.859.105	81.443.143	-51.584.038
Dionísio Cerqueira	6.290.041	63.296.103	-57.006.062

Fonte: MDIC/SECEX.

Destaque para a cidade de Itapiranga, que em 2011 possuía pouco mais de 15 mil habitantes segundo o senso do IBGE, e tem grande volume de exportações. Principal razão disso é a instalação da Seara Alimentos (Marfrig Group) no município, que exporta tudo o que produz na cidade, representando 99,7% das exportações<sup>9</sup>. A mesma empresa ainda é responsável por 99% das exportações do município de Seara<sup>10</sup>. Na contra partida, Dionísio Cerqueira, com menos de 15 mil habitantes segundo o senso do IBGE de 2011, tem saldo negativo na balança comercial de 57 milhões de dólares. Este grande volume de importações deve-se à proximidade do município com a Argentina, fazendo fronteira com este país. Nestes dois casos extremos, de Itapiranga e Dionísio Cerqueira, a proximidade com a Argentina e até outros países vizinhos é fundamental para explicar os saldos comerciais. Em Ipumirim, 92% das exportações se devem à Agrofrango (Marfrig Group).

Já em Caçador, cerca de 52% das exportações se devem ao setor Madeireiro/Moveleiro, 20% para agroindústria, 9% para cabedais de sapatos, 8,6% em

<sup>8</sup> Segundo dados do MDIC/SECEX.

<sup>9</sup> Segundo dados de exportação do AliceWeb.

<sup>10</sup> Op. Cit.

exportações de bagaços e resíduos da extração de óleo de soja e ainda 4% em açúcar de cana.<sup>11</sup>

É importante perceber que de 117 municípios, apenas 6 possuem balança comercial relevante. Grande parte das cidades do Oeste tem balança comercial em um intervalo de -3 a 3 milhões de dólares. Aliás, nessa mesorregião são 59 municípios que não têm registrados importação e exportação, e mais 22 que não possuem importação ou exportação, segundo o MDIC/SECEX. Logo, são 81 municípios com fraca ou fraquíssima ligação com o comércio exterior, o que representa quase 70% das prefeituras da mesorregião Oeste. Todavia, a região é referência a nível nacional na produção e exportação de carne de aves e suína. Aliás, muito desta produção é contabilizada na exportação para Itajaí, em função da sede da BR Foods, que enquanto Sadia e Perdigão possuem grande parcela da produção no Oeste catarinense. Das 10 maiores cidades exportadoras catarinenses, duas estão nesta mesorregião: Caçador (6ª maior) e Itapiranga (8ª maior).

### 2.3.2 Mesorregião Norte

Formada por 26 municípios, muito menos do que a mesorregião Oeste, o Norte possui três microrregiões. Tem posicionamento geográfico interessante, pois fica entre as capitais catarinense e paranaense, sendo que a proximidade com Curitiba favorece a indústria da região. As atividades de Metalurgia e Mecânica são as que mais empregam, com forte participação em Joinville e proximidades. Material Elétrico e Vestuário têm destaque em Jaraguá do Sul e cidades vizinhas. Por fim, encontra-se na região de São Bento do Sul e Rio Negrinho, o planalto norte, polo moveleiro e madeireiro.

Em 2011, o Norte exportou US\$ 3.564.006.584,00, e importou US\$ 2.805.243.809,00<sup>12</sup>. Apesar de volume comercializado muito maior, principalmente nas importações, o saldo da balança comercial – em termos absolutos – fica parecido com a mesorregião Oeste: US\$758.762.775,00. Na tabela abaixo se encontram os principais municípios em termos de comércio exterior.

---

<sup>11</sup> Op. Cit.

<sup>12</sup> Dados do MDIC/SECEX.

Tabela 9 – Principais balanços comerciais da Mesorregião Norte em 2011 (US\$)

Cidade	Exportação	Importação	Saldo
Jaraguá do Sul	826.427.433	348.857.182	477.570.251
São Francisco do Sul	712.711.847	502.431.210	210.280.637
Rio Negrinho	44.219.895	3.286.784	40.933.111
São Bento do Sul	123.129.487	88.956.141	34.173.346
Joinville	1.676.470.307	1.647.805.856	28.664.451
Guaramirim	4.707.821	56.151.660	-51.443.839
Araquari	4.255.598	81.400.543	-77.144.945

Fonte: MDIC/SECEX.

A região possui três dos 10 maiores municípios exportadores de Santa Catarina: Joinville (2º), que perde apenas para Itajaí com um dos maiores portos do Brasil, Jaraguá do Sul (3º) e São Francisco do Sul (4º). Ou seja, encontra-se na região norte o principal polo exportador catarinense, pelo menos em valor de exportação. É importante ressaltar a queda no volume de exportação de São Bento do Sul, que já chegou a ocupar a 5ª posição no ranking catarinense. A crise no setor moveleiro explica esta queda, que afeta também a cidade de Rio Negrinho. Araquari e Guaramirim, em situação oposta, apresentam déficit em suas balanços comerciais. Ambas se encontram próximas à Joinville e Jaraguá do Sul, e ainda são cortadas por importantes rodovias estaduais e federais, além de uma ferrovia, o que pode explicar a alta importação dos dois municípios em função da instalação de grandes empresas que aproveitam a proximidade com o polo metal-mecânico. Para São Francisco do Sul, o porto é a principal razão do grande volume de exportações, até por que 80% desse valor se refere à grão de soja, mesmo que triturado<sup>13</sup>. Em Jaraguá, a grande responsável pelas importações é a Weg, que responde por pelo menos 83% das exportações da cidade.

Na mesorregião Norte apenas as cidades de Monte Castelo (8 mil habitantes) não apresenta movimentação na balança comercial. Outras 3 cidades não possuem exportações ou importações. Diferentemente da mesorregião Oeste, o comércio internacional torna-se mais presente em número de prefeituras, são 22 cidades com exportação e importação, atingindo 85% do Norte catarinense.

<sup>13</sup> Fonte: AliceWeb.



### 2.3.3 Mesorregião Serrana

Única que faz fronteira com todas as outras mesorregiões, a Serrana é formada por 30 municípios e apenas duas microrregiões: Campos de Lages e Curitibanos. A atividade produtiva de forte destaque é a Madeireira, contando ainda com produção de celulose.

É, sem dúvidas, a mesorregião com menor participação no comércio exterior catarinense. Em 2011, exportou apenas US\$344.827.698,00 e importou US\$ 50.916.049,00<sup>14</sup>. A tabela a seguir discrimina municípios de destaque em suas balanças comerciais. O município de Otacílio Costa merece destaque, com nível de exportações e importações extremamente desigual, deixando a cidade com o maior saldo na mesorregião. Não é exagero dizer que toda a exportação da cidade está ligada ao setor de Papel e Celulose. Lages, maior cidade Serrana, também tem destaque no comércio exterior. A agroindústria responde por mais de 54% das exportações de Lages, seguida pelo setor madeireiro (23%) e papel (16%).<sup>15</sup> Todavia, é apenas a 16ª no ranking catarinense. Curitibanos, mesmo sendo importante cidade para a região possui menor ligação com o comércio externo, característica da maioria das cidades Serranas.

Tabela 10 – Principais balanças comerciais da Mesorregião Serrana em 2011 (US\$)

Cidade	Exportação	Importação	Saldo
Otacílio Costa	97.644.363	2.521.426	95.122.937
Lages	109.396.099	26.215.271	83.180.828
Curitibanos	28.711.093	8.133.898	20.577.195

Fonte: MDIC/SECEX.

Dos 30 municípios, 15 não possuem registros de importação e exportação e 5 não registraram importação ou exportação, os dois grupos em 2011. Isso quer dizer que 67% dos municípios não têm no comércio internacional fonte importante de renda e empregos.

### 2.3.4 Mesorregião Vale do Itajaí

<sup>14</sup> Dados do MDIC/SECEX.

<sup>15</sup> Percentuais calculados a partir de dados do AliceWeb.

Com 53 municípios e quatro microrregiões (Blumenau, Itajaí, Rio do Sul e Ituporanga), a região é a maior exportadora de Santa Catarina. Porém, é também a maior importadora, e inclusive, apresenta déficit em sua balança comercial. O motivo que explica tudo isso, é a influência das importações da cidade de Itajaí. O primeiro fator desta cidade é o porto, maior exportador de carnes refrigeradas do Brasil, “roubando” muito da produção do Oeste catarinense (caso da BR Foods), e um dos principais portos para importação do país, que faz com que a mesorregião contabilize para si tais importações. As principais atividades industriais da mesorregião são Vestuário, Têxtil e Alimentar.

Em 2011, o Vale do Itajaí exportou US\$4.772.103.901,00, mas importou mais: US\$ 8.606.520.028,00<sup>16</sup>. Além do porto de Itajaí, cidades importantes acabam contribuindo para o déficit. A tabela 8 ilustra esta situação:

Tabela 11 – Principais balanças comerciais da Mesorregião Vale do Itajaí em 2011 (US\$)

Cidade	Exportação	Importação	Saldo
Rio do Sul	174.911.530	16.375.398	158.536.132
Presidente Getúlio	60.357.664	17.920	60.339.744
Vidal Ramos	0	20.560.617	-20.560.617
Blumenau	573.064.698	676.859.823	-103.785.125
Gaspar	37.002.636	170.159.819	-133.157.183
Navegantes	53.392.960	241.910.766	-188.517.86
Itajaí	3.465.582.056	6.782.131.697	-3.316.549.641

Fonte: MDIC/SECEX.

Como se pode perceber, 4 importantes cidades da mesorregião apresentam déficits na balança comercial, principalmente Itajaí. Na contrapartida, em toda a mesorregião, apenas Rio do Sul consegue ter bom saldo no comércio exterior. Frigorífico Riossulense responde por 60% das exportações da cidade, seguida por exportação de fumo – Rio do Sul concentra a maioria das exportações do Alto Vale em função da Cravil – 20,6%, e ainda o setor Metal-Mecânico, responsável por pouco mais de 17% das exportações de Rio do Sul (destaque para: H-Bremer – caldeiras e

<sup>16</sup> Dados do MDIC/SECEX.

aquecedores de fluído térmico – com 7,5 pontos percentuais do setor; e a Metalúrgica Riossulense – componentes automotivos - com 5,8 pontos percentuais do setor)<sup>17</sup>.

Ainda há alguns casos interessantes, a exemplo de Presidente Getúlio e Vidal Ramos. A primeira cidade, com praticamente nenhuma importação, graças ao Frigorífico Riossulense (responsável por 89% das exportações da cidade)<sup>18</sup> tem considerável volume de exportação. Já Vidal Ramos, sem registro de exportação, viu suas importações crescerem com a instalação de fábrica de cimento da Votorantim.

Das 53 cidades, 11 não têm registradas exportações ou importações, e 7 não realizaram exportações ou importações. Com exceção do município de Doutor Pedrinho, no Médio Vale, todas estas se encontram na região do Alto Vale do Itajaí, e representam 34% das prefeituras da mesorregião do Vale do Itajaí. Finalmente, das 10 maiores cidades exportadoras catarinenses, 3 encontram-se aqui (Itajaí, Blumenau e Rio do Sul).

### 2.3.5 Mesorregião Grande Florianópolis

Menor em número de municípios, apenas 22, possui três microrregiões (Florianópolis, Tabuleiro e Tijucas). Entretanto, é a com maior densidade populacional, além de conter a sede administrativa estadual. Atividades industriais de destaque são Alimentar, Móveis e Material Plástico.

Em 2011, do total de cidades, 6 não possuem nenhuma movimentação de comércio exterior registrada, e 4 não importaram ou exportaram. Isso representa 45% das prefeituras da mesorregião. Essa porcentagem pesa para a Grande Florianópolis, por sua posição litorânea, e proximidade dos portos de Itajaí e Imbituba. No Vale do Itajaí, por exemplo, as cidades que menos têm participação no comércio exterior encontram-se mais longe do litoral. Ainda em 2011, a mesorregião exportou apenas US\$225.999.475,00, enquanto importou US\$ 1.991.019.076,00<sup>19</sup>. A tabela 9, abaixo, elenca as principais balanças comerciais da mesorregião.

Tabela 12 – Principais balanças comerciais da Mesorregião Grande Florianópolis em 2011 (US\$)

Cidade	Exportação	Importação	Saldo
--------	------------	------------	-------

<sup>17</sup> Percentuais calculados a partir dos dados do AliceWeb.

<sup>18</sup> Op. cit.

<sup>19</sup> Dados do MDIC/SECEX.

Palhoça	4.281.916	411.595.006	-407.313.090
São José	145.685.668	586.461.137	-440.775.469
Florianópolis	37.369.872	1.117.857.551	-1.080.487.679

Fonte: MDIC/SECEX.

Como é possível perceber, as principais cidades em termos de balança comercial são bastante deficitárias. E ainda são as três maiores da mesorregião, denunciando o forte nível de importações que têm as cidades no entorno. E até mesmo São José, 9ª cidade no ranking catarinense das exportações é deficitária. É uma mesorregião que tem pouca relevância em exportações, mas é uma grande importadora.

### 2.3.6 Mesorregião Sul

Com 44 municípios, agrupados em três microrregiões (Criciúma, Tubarão e Araranguá), é a região ao extremo sul do estado, ocupando todo o litoral sul, e contendo ainda um importante porto: Imbituba. Em 2011, exportou o equivalente a US\$694.659.944,00, e importou um pouco a menos: US\$ 612.428.297,00<sup>20</sup>. A tabela 10 traz as principais balanças comerciais da mesorregião Sul.

Tabela 13 – Principais balanças comerciais da Mesorregião Sul em 2011 (US\$)

Cidade	Exportação	Importação	Saldo
Forquilha	143.004.767	16.554.933	126.449.834
Nova Veneza	117.233.405	1.616.820	115.616.585
Araranguá	129.558.815	20.147.549	109.411.266
Imbituba	15.068.295	316.756.265	-301.687.970

Fonte: MDIC/SECEX.

Destaque para a cidade de Forquilha, criada em 1989 e com maior saldo da região Sul, sendo também a 10ª maior exportadora catarinense. A presença da Seara Alimentos faz a cidade ter tamanho porte em comércio exterior. A empresa responde por consideráveis 99,51% das exportações da cidade. Já em Nova Veneza, outro pequeno município, empresas como Agrovêneto fazem da cidade grande exportadora,

<sup>20</sup> Op. cit.

respondendo por mais de 96% das exportações da cidade. Já o Porto de Imbituba, forte na importação, faz da cidade o maior déficit da região. Em Araranguá, pouco mais de 80% das exportações são ligadas à fumo cultura<sup>21</sup>.

De 44 cidades, 14 não registraram exportações e importações em 2011, e mais 8 não registraram exportação ou importação, no mesmo período. Resultando em 22 cidades, ou 50% das prefeituras da região. Mais uma vez, o comércio exterior não atinge boa parte de uma mesorregião. Todavia, tem importância fundamental para cidades como Nova Veneza e Forquilha.

## 2.4 Principais países parceiros comerciais de Santa Catarina

A decisão de exportação é uma atitude que deve ser tomada com o maior cuidado estratégico. Além de observar os fatores logísticos da relação comercial, tem-se de ver as perspectivas de realização das vendas em determinado país ou bloco econômico. Deste ponto de vista a decisão de importar de Santa Catarina se torna uma decisão estratégica para as economias externas. Na tabela abaixo observamos os principais parceiros econômicos de Santa Catarina por valor agregado e participação na totalidade das exportações.

Tabela 14 - Principais parceiros econômicos de Santa Catarina por Valor Acumulado (V.A) e Participação (Part.).

Ano	1989-1993		1994-2001		2002-2007		Posição
País	V.A	Part. %	V.A	Part. %	V.A	Part. %	
EUA	1.467.493.922	17,49%	4.376.914.127	20,44%	7.298.824.679	23,77%	1
Argentina	380.896.879	4,54%	2.108.332.864	9,84%	1.761.036.343	5,73%	2
Alemanha	901.514.780	10,75%	1.829.551.582	8,54%	1.550.501.594	5,05%	4
Holanda	347.176.073	4,14%	705.325.032	3,29%	705.325.032	4,52%	5
Itália	418.891.977	4,99%	529.188.547	2,47%	820.377.953	2,67%	8
Japão	279.689.088	3,33%	937.276.915	4,38%	1.360.667.178	4,43%	6
Rússia	3.411.566	0,04%	286.755.622	1,34%	1.688.462.703	5,50%	3

Fonte: Socioeconomia catarinense – Mattei e Lins, 2010. Com base em Aliceweb.

Observa-se que os Estados Unidos são o principal destino das exportações se tomado como país individualmente (23,77%). Já ao analisar a União Europeia como um todo importador, tem-se que este bloco participa com aproximadamente 26% das

<sup>21</sup> Fonte: AliceWeb.

importações de Santa Catarina. A crise econômica nos Estados Unidos e a desvalorização de sua moeda fizeram com que as exportações catarinenses diminuíssem seu ritmo para este país quando comparado com a evolução nacional. A perda de representação de SC nos esforços de exportação nacionais também se dá pela baixa participação chinesa nos destinos das exportações catarinenses em relação ao Brasil como um todo. O fato de o estado ter perdido desde 2002 participação relativa nas exportações totais no Brasil se deve ao fato de que as exportações catarinenses não sofreram da mesma maneira os impactos positivos do aumento dos preços das commodities internacionais.

A crise financeira de 2008 nos Estados Unidos e seu alastramento para as economias mundiais geraram efeitos negativos no ano de 2008-2009 em Santa Catarina no campo da exportação catarinense. Porém, a partir de 2010 observa-se uma recuperação nas relações comerciais, caracterizando uma alta intensidade entre algumas das principais economias parceiras de SC, a saber: EUA, Argentina, Alemanha e Japão. A tabela abaixo traduz o comportamento das exportações e importações no período de 2008-2011.

Tabela 15- Evolução das relações comerciais entre Santa Catarina e principais parceiros 2008-2011.

<b>País</b>	<b>Ano</b>	<b>Exp.</b>	<b>Imp.</b>
EUA	2008	1.142.679.709	673.398.016
	2009	745.697.539	618.524.982
	2010	905.559.703	859.551.323
	2011	992.440.733	987.437.830
Argentina	2008	548.731.111	946.058.741
	2009	409.326.111	869.689.252
	2010	550.288.136	1.080.427.982
	2011	678.510.792	1.258.040.247
Alemanha	2008	370.623.756	348.281.527
	2009	272.001.037	316.763.359
	2010	304.760.634	498.112.781
	2011	367.067.169	685.727.131
Japão	2008	558.283.361	128.376.087
	2009	315.380.850	124.606.336
	2010	479.417.308	173.912.558
	2011	684.397.537	217.479.708

Fonte: Aliceweb.

## **2.5 Infraestrutura, logística e vias de transporte de Santa Catarina**

### **2.5.1 Infraestrutura e Logística**

Dois dos fatores determinantes do comércio exterior está diretamente relacionado à infraestrutura e logística de um país. Em um mundo cada vez mais competitivo onde o movimento comercial aumenta a cada dia, resultante da diminuição de tarifas e da extinção, em grande parte, de medidas protecionistas, esses aspectos se tornam cada vez mais necessários para o aumento do fluxo de comércio.

No Brasil, desde o início da industrialização pesada na década de 1950, existem grandes problemas em relação à energia e transporte, além de problemas de infraestrutura como um todo. Por qualquer que seja a via utilizada para o transporte de mercadorias, ferroviária, rodoviária ou aquaviária, o país apresenta uma baixa eficiência. A consequência desse movimento é o efeito negativo em relação ao fluxo de exportações brasileiras, inibindo também o nível de produtos importados pelo país.

Em termos comparativos o Brasil está muito atrás de países desenvolvidos e até mesmo de países que estão em desenvolvimento. Por exemplo. A quilometragem de rodovias pavimentadas no Brasil é 212 mil km, muito atrás de países como Canadá (516 mil km), Rússia (655 mil km), Índia (1,565 milhão de km), China (1,576 milhões de km) e EUA (227 mil km). Esse exemplo é apenas um dos vários problemas logísticos brasileiros. Mesmo o país sendo o quinto maior território do mundo e ter uma imensa capacidade de aproveitamento de seus recursos naturais, está apenas em 41º lugar no ranking que define a capacidade interna do país escoar sua mercadoria dentro de sua própria fronteira ou para o exterior (Hayrton, 2012).

Santa Catarina, a exemplo do Brasil, possui várias ineficiências logísticas e lacunas na infraestrutura, quer seja terrestre ou portuária. Segundo dados da Secretaria de Estado de Infraestrutura (SIE), o Estado possui 2606 km de rodovias federais e 6000 km de rodovias estaduais. O transporte ferroviário é caracterizado por ser de baixo custo e com alta eficiência, o Estado possui uma malha ferroviária extremamente pequena em relação aos demais estados brasileiros, além disso, sua grande totalidade está sobre o controle de apenas duas empresas, a America Latina Logística (ALL) e a Ferrovia Teresa Cristina (FTC). Em Santa Catarina são 1635 km de estrada de ferro com bitola de 1 metro. A ALL possui quatro trechos, sendo que estão em operação 581 km

utilizados no transporte de grãos, madeira e carga geral. Já a FTC situa-se no sul do Estado e é especializada no transporte de carvão.

No que diz respeito ao transporte marítimo, ainda através de dados da SIE, existem quatro portos estaduais em Santa Catarina. O porto de São Francisco do Sul, situa-se no litoral norte e é atendido pela ferrovia ALL pela BR-280 e fica cerca de 40 km da BR 101. O porto tem como concessionária a Administração do Porto de São Francisco do Sul (APSFs), vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Regional de Joinville. As principais cargas movimentadas no porto são: soja, farelo de soja e óleo de soja; e carga geral em contêineres. O Porto de São Francisco do Sul é o 4º porto brasileiro no complexo de soja e o 5º porto do Brasil em movimentação de contêineres. O porto de Itajaí localiza-se no litoral a 110 km de Florianópolis, uma grande vantagem desse porto está relacionada ao fato da BR 101 cortar o município, facilitando, dessa forma, o transporte de mercadorias. A concessão é da Administradora Hidroviária Docas Catarinense (ADHOC), o porto possui como principais cargas movimentadas: carga geral em contêineres e carga refrigerada em contêineres. O Porto de Itajaí é o 3º porto brasileiro com maior movimento e o 1º porto brasileiro com carga refrigerada em contêineres, possuindo o maior conjunto de armazéns refrigerados dos portos do Brasil. O porto de Imbituba está localizado no litoral Sul, a 90 km de Florianópolis. As principais cargas movimentadas no porto são: produtos químicos e fertilizantes, derivados de carvão, congelados e açúcar. Por fim está o porto de Laguna, situado a 110 km da capital, é um porto lacustre, sendo um porto pesqueiro que movimenta pescado e gelos produzidos na fábrica do próprio porto. O porto de Laguna, no que diz respeito ao movimento de contêineres não é significativo para o País e para o Estado.

Outro meio de transporte existente é o aeroviário. Santa Catarina possui quatro aeroportos de responsabilidade da Infraero, os demais são administrados pelos municípios através de convênio com o Governo do Estado. Além disso, existem dois aeroportos em construção, o Regional Sul em Jaguaruna, e o Regional do Planalto Serrado em Correia Pinto. “O principal aeroporto de administração municipal em Santa Catarina é o de Chapecó, com uma pista de 2060 metros de comprimento” (Secretaria de Estado da Infraestrutura).

Os dados citados acima podem ser observados na imagem abaixo retirada do Ministério dos Transportes. Nota-se que o grande problema de Santa Catarina está em sua malha rodoviária, sendo que existe apenas uma rodovia duplicada no Estado, a BR 101. O trecho duplicado é de Florianópolis até o Paraná, sendo que a ligação para o Rio



Grande do Sul ainda é precária. Como será visto adiante, a questão portuária também não se mostra muito eficiente, sendo que uma grande parte das mercadorias produzidas no Estado é exportada por diversos portos ou aeroportos espalhados pelo país.

Figura 3 – Mapa multimodal de Santa Catarina

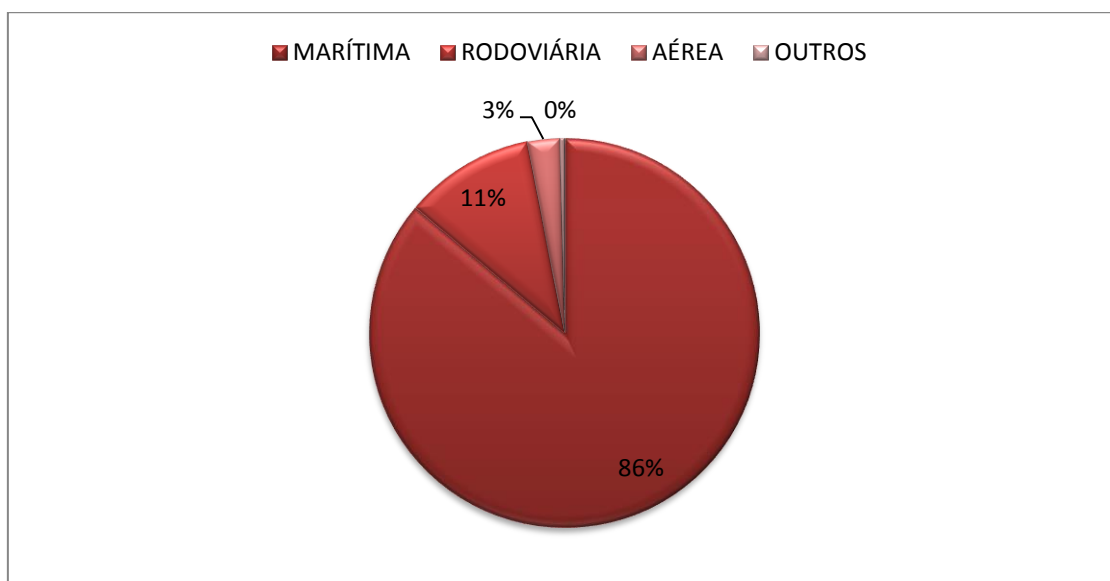


Fonte: Ministério dos Transportes.

## 2.5.2 Principais Vias

Se levarmos em conta o custo e a eficiência, o transporte marítimo se mostra o mais adequado para o comércio exterior. Dessa maneira, em Santa Catarina há o predomínio desse meio de transporte, sendo que 86% de suas exportações em 2011 foram através de transporte marítimo, em segundo lugar, mesmo com a precariedade das estradas catarinenses, está o transporte terrestre com 11%, seguido pelo transporte aéreo, ferroviário e, por fim, outros meios de transportes.

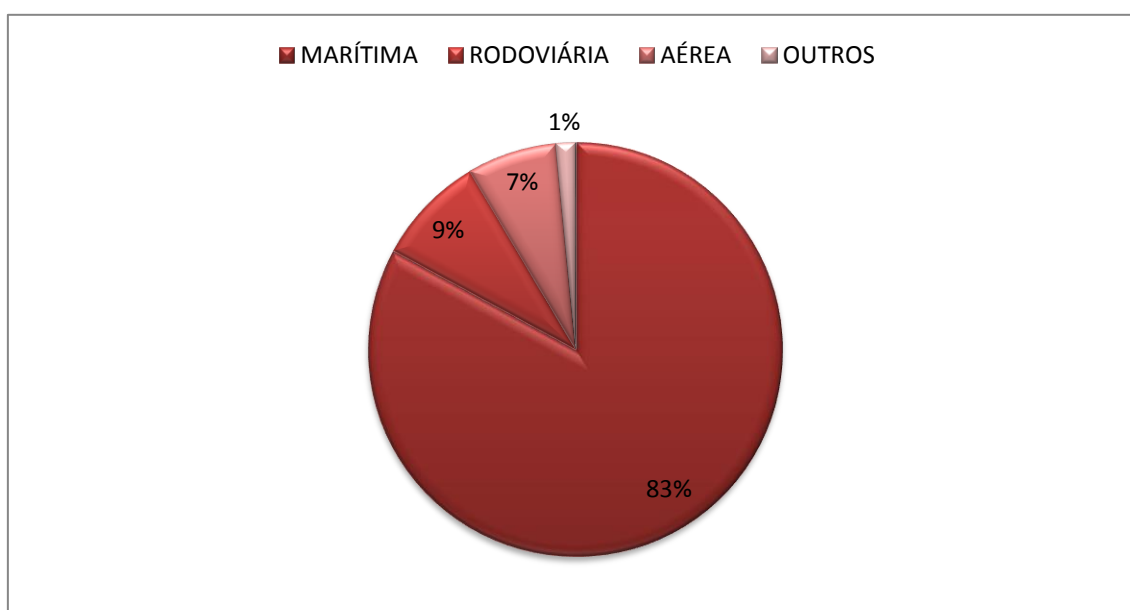
Gráfico 10 - Principais vias de transporte para exportação em Santa Catarina em 2011



Fonte: MDIC.

As vias de transporte para importações em Santa Catarina seguem as mesmas tendências, ou seja, existe uma grande preferência pelo transporte marítimo, sendo que, 83% dos produtos importados pelo Estado são através desse meio de transporte, e em segundo vem o transporte rodoviário com 9%. A única diferença entre as vias de exportação e importação está relacionada a uma maior relevância do transporte aéreo para o segundo.

Gráfico 11 - Principais vias de transporte para importação em Santa Catarina em 2011



Fonte: MDIC.

Analisando esses dois gráficos podemos tirar duas conclusões. Primeiro, é necessário que se faça um investimento maciço na malha rodoviária do Estado, quer seja através de recursos estaduais ou através de recursos da união. Existe uma grande movimentação de mercadorias através dessa via, sendo assim, um investimento e consequente melhoria das rodovias será benéfico para o comércio internacional catarinense. Além disso, deve-se fazer investimento em ferrovias, no que diz respeito ao escoamento da produção para os portos do Estado ou para outros portos.

Como existe uma predominância do transporte marítimo no Estado, cabe agora analisarmos quais os portos mais utilizados em Santa Catarina, tanto para importação como para exportação, feito isso deve-se concluir quais os problemas que estão relacionados a esse meio de transportes e possíveis mudanças.

Dentre os portos catarinenses de maior relevância estão os portos de Itajaí e de São Francisco do Sul. Os dois exportaram cerca de 73% do total de exportações catarinenses em 2011. Esse grande número relaciona-se ao fato de ambos os portos possuírem um bom escoamento de mercadorias. Sendo que o primeiro está muito próximo da BR 101 e o segundo é atendido pela ALL logística. Como não poderia deixar de ser, eles também são responsáveis pela grande maioria de produtos importados pelo Estado, a saber, 76%.

Apesar dessa hegemonia, uma quantia considerável de mercadoria é transportada por meios que não os do Estado. Esse efeito encarece o transporte pago pelo exportador ou importador, em última instância, esses custos mais são realocados para o preço final da mercadoria, ou seja, a sociedade paga um preço mais alto em virtude do alto custo de transporte e também pela baixa eficiência logística. Nas tabelas abaixo é possível observar os canais mais utilizados para o escoamento de produtos catarinenses para o exterior e também os principais meios de entrada de produtos importados, ambos para 2011.

Tabela 16 - Principais canais de transportes para exportações catarinenses em 2011

	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Quantidade
ITAJAI - SC	5.340.375.936	2.242.398.227	79.554.063
SAO FRANCISCO DO SUL - SC	1.261.250.359	1.133.112.265	12.745.464
PORTO DE	510.091.676	461.190.890	2.662.233

PARANAGUA - PR			
URUGUAIANA - RODOVIA - RS	408.812.743	216.374.304	9.940.702
SANTOS - SP	309.982.180	81.475.741	6.471.236
PORTO DE RIO GRANDE - RS	305.848.855	92.968.111	66.160

Fonte: MDIC.

Tabela 17 - Principais canais de transportes para importações catarinenses em 2011

	US\$ FOB	Peso Líquido (kg)	Quantidade
ITAJAI - SC	7.979.942.913	2.975.265.311	3.363.345.249
SAO FRANCISCO DO SUL - SC	3.285.832.498	1.822.865.646	482.861.630
IMBITUBA - SC	892.307.021	1.558.295.517	31.045.805
CAMPINAS - AEROPORTO - SP	403.849.255	4.205.680	158.955.310
SAO PAULO - AEROPORTO - SP	381.447.176	4.948.111	336.582.557

Fonte: MDIC.

Enfim, conclui-se que existe certa capacidade ociosa nos portos catarinenses, sendo que uma parcela dos produtos comercializados é enviada para outros estados para daí realizar os processos burocráticos e legais para a exportação. Ou, para o caso das importações, a mercadoria é desembarçada em outros estados para depois ser enviada para Santa Catarina. Esse fato está estritamente relacionado com a baixa capacidade logística e também pela baixa eficiência dos portos catarinenses, como o de Imbituba e o de Laguna, por exemplo. Para tentar reverter esse problema é necessário, primeiro, promover investimentos a fim de aperfeiçoar e melhorar a capacidade logística do estado além de incentivar os canais de transporte instituídos dentro do território estadual. O crescimento de um país ou de um estado está diretamente relacionado com o comércio exterior dos mesmos, e esse, por sua vez, tem uma relação direta com a capacidade logística e sua infraestrutura interna.

## **Considerações Finais**

O presente trabalho teve por objetivo apresentar uma análise empírica dos principais determinantes do comércio exterior catarinense, além de evidenciar mudanças no cenário macroeconômico nacional que, por sua vez, afetam de forma positiva ou negativa o estado.

A mudança do padrão comercial vigente até 1989 tem como ponto de inflexão a abertura econômica promovida pelo governo Collor, o presidente assume o poder em um ambiente conturbado, marcado por diversos planos de estabilidade que se mostraram um fracasso. Seguindo o ideário criado no “Consenso de Washington”, é realizado no país, a partir de 1990, uma diminuição acentuada de tarifas de importações e de barreiras não tarifárias, essa ideologia teve continuidade no governo FHC. Isso teve como efeito uma elevação do coeficiente de importações brasileiras que não foi acompanhado pelo ritmo de exportações. A exemplo do Brasil, Santa Catarina também teve uma elevação no seu nível de importações. Esse cenário evidencia uma possível tendência para o estado nos próximos anos. O esforço da Organização Mundial do Comércio (OMC) é diminuir cada vez mais tarifas e medidas protecionistas que impedem, de maneira direta ou indireta, o comércio exterior. Com isso o déficit na balança comercial, com início em 2009, tende a se manter ou até mesmo aumentar. O déficit pode ser pressionado ainda mais devido ao movimento de desindustrialização que vem ocorrendo em Santa Catarina, com isso produtos de maior valor agregado vão perdendo cada vez mais espaço na pauta de exportação catarinense.

A criação do MERCOSUL em 1995 se mostrou essencial para os países latinos americanos, com a promoção de tarifas zero entre os países membros, o nível de comércio do Brasil e de Santa Catarina aumentou, sendo que a Argentina se tornou um importante parceiro comercial do estado. Com a diminuição de tarifas e do custo de produção a tendência é um aumento do custo relativo dos transportes, ou seja, o transporte de mercadorias apresenta-se cada vez mais importante no comércio exterior. Isso promove uma integração regional cada vez maior, levando em conta a ideia de que países mais próximo geograficamente tornam o custo de transporte menor. Além disso, ficou nítido que o estado apresenta uma séria precariedade na sua infraestrutura, necessitando fortes investimentos estatais e incentivos para investimento privado.

O importante papel do estado de Santa Catarina na situação de comércio externo nacional ficou apresentado como um comércio de bens industrializados

enfatizando a característica das principais indústrias exportadoras do estado. O estado também ficou caracterizado a partir de seus altos níveis de importação, sendo que estas são primordialmente voltadas para a compra de bens manufaturados. Esse aspecto do comércio intraindústria destaca Santa Catarina na pauta nacional, mostrando o poder de importação de superioridade tecnologia catarinense.

Essa peculiar situação de Santa Catarina se deve principalmente aos setores de produção em que suas empresas atuam. Essas são voltadas para a produção de bens industrializados, com destaque para a produção de bens alimentícios e eletro metal mecânico. O grau de irradiação dessas empresas foi mostrado a partir do estudo da produção por mesorregiões. Foi observado que a instalação de uma indústria em uma determinada região, pode levar o nível de comércio externo (tanto para importações como para exportações) desta região a grandes níveis, escondendo as disparidades entre as cidades. Esse caso foi exemplificado pela situação da Seara Alimentos na região Oeste. Localizada no município de Seara, as relações de compra e venda com parceiros estrangeiros faz com que a empresa eleve os indicadores de comércio dessa região.

Observou-se também que houve uma mudança em relação aos principais parceiros comerciais de Santa Catarina. Dando ênfase para a Argentina que, como dito anteriormente, se tornou um dos principais destinos de exportações catarinenses, além de se tornar um importante ofertante de mercadorias para o estado. Apesar de crise de 2008 ter epicentro nos EUA, esse país continuou um importante parceiro comercial catarinenses, apesar de notarmos uma diminuição do coeficiente importado. Nesse sentido, existe certa tendência de que aumente, cada vez mais, o fluxo comercial entre países membros de um mesmo bloco econômico, no caso do Brasil e de Santa Catarina dos países membros do MERCOSUL.

É importante frisar que mesmo com o crescimento da China no comércio mundial não foram diagnosticadas relações significativas entre esse país e Santa Catarina. Isso demonstra um forte mercado potencial a ser explorado, dado que os produtos exportados pelo estado não estão na pauta de exportação chinesa. Isso é um enorme atrativo de investimento, levando em conta o tamanho da economia desse país asiático.

Enfim, essa análise traz os principais dados referentes ao comércio exterior catarinense, além de suas origens históricas e mudanças de padrões e, por fim, algumas tendências.

## REFERÊNCIAS

AREND, Marcelo. “50 anos de industrialização do Brasil (1955-2005): uma análise evolucionária”. PPGE/UFRGS, 2009 (Tese Doutorado). Cap. 4: Opções de Estratégia de Desenvolvimento na década de 1950 e seus efeitos de longo prazo: nacional desenvolvimentismo x desenvolvimentismo internacionalista. (p. 166-175).

CARIO, S. A. F., NICOLAU, J. A., SEABRA, F., BITTENCOURT, P. – Processo de desindustrialização em Santa Catarina. Páginas 12 e 18.

DE SOUZA, F. E. P., HOFF, C. R. – O Regime Cambial Brasileiro: 7 Anos de Flutuação. Página 9.

FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina: Disponível em: <http://www.fiesc.com.br>. acesso em: 20 nov. 2012.

INFRAESTRUTURA: Disponível em: <http://qualidadeonline.wordpress.com/2012/02/02/a-precaria-infraestrutura-logistica-no-brasil/>. Acesso em 20 nov. 2012.

MATTEI, Lauro; LINS, Hoyêdo Nunes. “A socioeconomia catarinense cenários e perspectivas no início do século XXI”. Editora Unochapecó ARGOS. SC – 2010.

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior: Disponível em: <http://aliceweb2.mdic.gov.br/>. Acessado em 22 nov. 2012.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES: Disponível em: <http://www.transportes.gov.br/>. Acesso em 20 nov. 2012.

REGO, José Márcio; MARQUES, Rosa M. (orgs.). Economia brasileira. São Paulo: Saraiva, 2005. O alinhamento neoliberal da década de 1990: privatização e abertura de mercado. A abertura comercial e o governo Collor. (cap. 14). O novo modelo de inserção da economia brasileira. (cap. 15).

SIE – Secretaria de estado da Infraestrutura: Disponível em: <http://www.sie.sc.gov.br/>. Acesso em 20 nov. 2012.

SOUZA, Nilson Araújo. Economia Brasileira Contemporânea: de Getúlio a Lula. 2 ed. São Paulo, Atlas, 2008. Plano Collor Inaugura “Consenso de Washington” (cap. 9).

GOULARTI FILHO, A. *Formação econômica de Santa Catarina*. 2ª ed.; Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 473p.

LINS, H. N. *Reestruturação industrial em Santa Catarina: Pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 1990*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000. 301p.

NOGUEIRA BATISTA JR, P. Vulnerabilidade Externa da Economia Brasileira. Estudos Avançados 16 (45), 2002